Atos do Executivo nº 1482316
Disponibilização: 22/05/2025
Publicação: 22/05/2025

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO

SECRETARIA MUNICIPAL DO VERDE E DO MEIO AMBIENTE

Divisão de Planejamento e Apoio aos Colegiados

Rua do Paraíso, n° 387, - Bairro Paraíso - São Paulo/SP - CEP 04103-000

Telefone: 5187-0137

PROCESSO 6027.2025/0002918-3

Ata SVMA/CGC/DPAC Nº 125827512

ATA DA 275ª REUNIÃO PLENÁRIA ORDINÁRIA DO CADES

DADOS DA REUNIÃO

Data: 07/05/2025

Duração: 2h22min.

Local: Reunião híbrida: Presencial na Sala Térreo - Prédio da SVMA

Online pela Plataforma Microsoft Teams

PAUTA

1. Aprovação da ata da 274ª Reunião Plenária Ordinária do CADES;

2. Posse dos Conselheiros representantes da Secretaria Municipal de Justiça – SMJ;

3. Apresentação e aprovação das Diretrizes do FEMA - ano 2025, pela Chefe de Gabinete Sra. Tamires Carla de Oliveira;

4. Apresentação do projeto “Floresta de Bolso” pelo Botânico Sr. Ricardo Cardim;

5. Apresentação da “Implementação do Plano Municipal de Arborização Urbana - PMAU” pela Diretora da Divisão de Arborização Urbana (DAU) Sra. Priscila Cerqueira.

PARTICIPANTES

Mesa Diretora

- Carlos Eduardo Guimarães de Vasconcellos – Secretário Adjunto
- Liliane Neiva Arruda Lima – Coordenadora

Assessores

- Sérgio Eduardo Hatsumura Hanasiro – Assessor
- Neusa Pires – Assessora
- Alexandre José Alves – Assessor

Apresentadores convidados

- Elisabeth Joyce de Morais Daniel – Diretora CGC/DGFEMA
- Priscila Cerqueira – Assessora Técnica
- Ricardo Cardim - Botânico

Conselheiros

- Claudio de Campos – SMSUB
- Eduardo Murakami da Silva – SME
- Fernando Seoane Miquelin – SMT
- Kelly Akemi Mimura – SMC
- Marcos Antonio Santos Romano – SEHAB
- Patricio Gomes Moreira – SMS
- Giovanna Estevam Saquietti - SMUL
- Ricardo de Almeida Marchiori – SGM
- Anita de Souza Correia Martins – CGPABI
- Gabriela Pinheiro Lima Chabbouh - UMAPAZ
- João Cesar Megale Filho – CFA
- Juliano Ribeiro Formigoni – CLA
- Lígia Pinheiro de Jesus - CPA
- Célia Regina Buono Palis Poeta – SEMIL
- Flavia Cristina de Campos – CREA/SP
- Carlos Alberto Maluf Sanseverino – OAB/SP
- Marco Antônio Lacava – CMSP
- Eduardo Storopoli – UNINOVE
- Ricardo Crepaldi – ABES
- Edilene Souza Machado – CTB/SP
- Alessandro Luiz Oliveira Azzoni – ACSP
- Mario Luís Fernandes Albanese – SIMPI
- José Ramos de Carvalho – Macro Reg. Norte 2
- Jaciara Schaffer Rocha – Macro Reg. Sul 2
- Fanny Elisabete Moore – Macro Reg. Sul 2
- Maria de Fátima Saharovsky – Macro Reg. Sul 3
- Delaine Guimarães Romano Macro Reg. Leste 1
- Celina Cambraia Fernandes Sardão - Macro Reg. Centro-Oeste 1
- Marcelo Rebelo de Moraes - Macro Reg. Centro-Oeste 2
- Flavio Luís Jardim Vital - Macro Reg. Centro-Oeste 2

Observadores Especiais

- José Reinaldo Brígido - SMSU
- Marcos Luiz Gonçalves – SMSU

Participantes

- Ana - SMPED
- David Ramos - SMPED
- Felipe Lara Vogal
- Fernanda Soliga voltam
- Marcelo Pedro Mombelli
- Mirian Massoca
- Daniel Teixeira de Lima - Assessor Técnico
- Paulo Henrique Almeida – SMT
- Pedro Paulo Barbosa Carvalho – SIMPI

TRANSCRIÇÃO AUTOMATIZADA

Carlos Eduardo Guimarães de Vasconcellos – Secretário Adjunto: Meus amigos conselheiros, conselheiras, demais presentes, na qualidade de presidente da mesa, presidente do CADES, eu, Carlos Eduardo Guimarães Vasconcelos, também secretário-adjunto da Secretaria Municipal do Verde e do Meio Ambiente de São Paulo, dou início à 275ª Reunião Plenária Ordinária do Conselho Municipal do Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável da cidade de São Paulo – CADES. Convocado nos termos do artigo 7º do regimento interno, conforme a resolução n° 140/CADES/2011, que se realiza na data de hoje, dia 7 de maio de 2025, quarta-feira, às 10 horas e 16 minutos, de forma semipresencial, sendo a parte presencial na sala de reuniões do prédio da Secretaria do Verde e Meio Ambiente de São Paulo e online pela plataforma Microsoft Teams. Passo então para a gente dar início a nossa reunião, a palavra para a nossa sempre-secretária, Liliane Arruda. Abraço a todos e vamos em frente. Liliane.

Liliane Neiva Arruda Lima – Coordenadora: Obrigada, Carlos. Carlos, está bonito hoje. Eu quero agradecer imensamente que os conselhos que estão presentes. Também, em primeiro lugar, a Secretaria Municipal de Pessoas com Deficiência, estamos hoje com a Ana e com o David. Quero agradecer, eles sempre estão dispostos para auxiliar. Passando então para o primeiro ponto do expediente: Aprovação da ATA do 274ª da Reunião Plenária Ordinária do CADES. Colocamos então em votação. Então damos como aprovada a ATA da 274ª Reunião Plenária Ordinária do CADES. Carlos, o segundo ponto do expediente foi cancelado, porque não vai ter a posse porque o conselheiro que ia ter uma posse hoje, ele não vai poder estar presente. Então, a gente vai dar posse na próxima reunião, está bom? Então, passamos para o terceiro ponto do expediente: Apresentação e aprovação das diretrizes do Fundo Especial do Meio-Ambiente do FEMA. Do exercício do ano de 2025. Então, eu convido a nossa diretora aqui do FEMA, a Elizabeth, por favor. Ela vai apresentar aqui. Toda parte aí da explicação. Obrigada Betinha. Passo a palavra para você.

Elisabeth Joyce de Morais Daniel – Diretora CGC/DGFEMA: Bom dia a todos. Eu vou apresentar sobre as diretrizes do FEMA de 2025. O FEMA foi criado em 2001 e destinam a apoiar, o desenvolvimento de planos, programas e projetos, que tenham o objetivo o uso racional e sustentável de recursos naturais de manutenção, melhoria e recuperação da qualidade ambiental, de pesquisa e atividades ambientais. O controle, a fiscalização e a defesa do meio ambiente. Bom, aqui, em primeiro passo, a gente vai falar sobre as ODS, né? Que em 2015, a ONU, propôs aos seus países membros uma nova agenda de desenvolvimento sustentável para os próximos 15 anos, que no caso, a Agenda 2030, composta pelos 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), com base nos quais estão sendo propostas as diretrizes para utilização dos recursos do FEMA. Bom, a proposta das diretrizes né? No artigo 32 da lei 14.887/2009, compete ao CADES estabelecer as diretrizes, prioridades e programas de alocação de recursos do Fundo Especial do Meio Ambiente. Com fundamento na Agenda 2030, o Desenvolvimento Sustentável proposta pela ONU e composta pelos 17 Objetivos de Desenvolvimento, no caso, as ODS. É apresentada a presente proposta de diretrizes para utilização dos recursos do Fundo Especial do FEMA. Primeiro, no caso, seria as áreas verdes. Proteção e defesa da biodiversidade, a fauna e flora, áreas verdes e parques urbanos, lineares e naturais. Apoio junto às políticas habitacionais necessárias a implantação de áreas verdes e a proteção de áreas de relevância ambiental. Apoio à criação e à implementação de reservas particulares natural. Apoio às políticas de incentivo a serviços ambientais, incluindo estudos, inventários, diagnósticos, projetos de readequação ambiental de propriedades urbanas e rurais e pagamentos por serviços ambientais aos proprietários de áreas prestadas. Apoio à implantação de sistema de monitoramento das áreas verdes e da degradação da cobertura vegetal. Apoio aos planos de iniciativa de expansão, manejo e conservação das áreas verdes, unidades de conservação e parques urbanos, lineares e naturais. Fortalecimento do sistema de fiscalização e controle da Secretaria do Verde. Recuperação e revitalização de áreas de competência da Secretaria do Verde degradadas ou contaminadas, inclusive, em função de acidentes naturais. Investimentos nos parques municipais para garantir a qualidade da estrutura ofertada à população. Ampliação das áreas verdes através da aquisição de novas áreas e implantação de novos parques municipais e unidades de conservação. No caso, do segundo, educação ambiental, cultura de paz e comunicação. Apoio a projetos e iniciativas de educação ambiental. Apoio a iniciativas com o propósito de contribuir para uma convivência socioambiental sustentável e pacífica na cidade de São Paulo, articulando temas ambientais e a cultura da paz e não à violência, disseminando conhecimentos e

tecnologia de mediação de conflitos. Terceiro, é a água. Proteção dos recursos hídricos. Apoio a projetos, programas e ações de prevenção e combate às enchentes, incluindo atividades de educação e comunicação, proteção e recuperação de nascentes e sistemas de drenagem e captação de águas pluviais. Vamos para o quarto. Consumo e descarte sustentável. Incentivo a planos, programas e projetos ligados à economia. Apoio a planos, programas e projetos de implantação de ecopontos, e de reciclagem, reutilização e redução de resíduos sólidos na cidade de São Paulo, incluindo campanhas educativas e comunicação. Apoio às políticas de incentivos a sistemas produtivos de baixo impacto ambiental. Vamos para o quinto. Apoio a programas e campanhas para o uso de energia renovável no sistema de transporte coletivo, em edificações e demais sistemas urbanos. Apoio a planos, programas e projetos para o uso de modalidades não motorizadas de transporte, incluindo campanhas educativas e comunicação. Apoio a planos, programas e projetos de meios alternativos de mobilidade urbana. Apoio a planos, programas e projetos de modalidade alternativa de transporte sustentável. Vamos para o sexto. Apoio a projetos e iniciativas para melhoria da qualidade do ar e utilização de energia limpa, incluindo campanhas educativas e comunicação. Apoio a planos, programas e projetos de prevenção e combate às mudanças climáticas. Apoio a planos, programas e projetos para minimização de emissões de gases de efeito estufa. Apoio a planos, programas e projetos para subsidiar políticas públicas relacionadas ao controle do adensamento construtiva, a impermeabilização do solo e a consequente produção de ilhas de calor urbano. Apoio a planos, programas e projetos para ampliar a divulgação dos resultados da rede de monitoramento de precipitações meteorológicas, incluindo inventários e diagnósticos necessários. Vamos para o número sete. Agricultura sustentável. Incentivar a produtividade agrícola de modo a contribuir com o aumento de renda dos pequenos agricultores, apoiando investimentos em agricultura sustentável para impedir que o aumento da produção de alimentos prejudique o meio ambiente. Programa de pagamento por serviços ambientais PSA. A destinação assegurada de 10% do FEMA para o PSA. Em 2024 foram firmados alguns contratos com proprietários ou legítimos possuidores de imóveis rurais, selecionados por meio do edital do programa de pagamento por prestação de serviços ambientais em áreas de proteção aos mananciais da cidade de São Paulo, de forma a garantir a conservação e recuperação dos serviços ecossistêmicos existentes nestes imóveis, buscando a conservação e recuperação da biodiversidade, a produção de água e a adoção de sistemas produtivos agroecológicos ou orgânicos. Bom, essa é a apresentação das diretrizes. (Som ininteligível).

Liliane Neiva Arruda Lima – Coordenadora: A gente está ficando sem microfone aqui. Obrigada, Betinha, pela, a gente chama de Betinha, mas é Elisabeth. Obrigada pela sua apresentação. Esse aqui é um momento que a gente passa sempre nas primeiras reuniões do CADES, para a gente estar dando já continuidade né? O Mário me perguntou sobre a apresentação. Sim, nós vamos encaminhar essa apresentação após a nossa reunião daqui do CADES. Então, todos vão receber, como sempre, já a gente encaminha para todos os conselheiros. Mário, levantou a mão, por favor.

Mario Luís Fernandes Albanese – SIMPI: Bom dia. Na verdade, o que eu queria entender, queria entender um pouco melhor sobre a utilização desse orçamento (som ininteligível).

Liliane Neiva Arruda Lima – Coordenadora: Está dando eco aqui. Só um minutinho. Está dando eco. Você conseguiu pegar Betinha? Mário, por favor, então, você pode repetir, por favor, que agora deu certo o som, que o seu estava pipocando aqui para a gente.

Mario Luís Fernandes Albanese – SIMPI: Bom dia, senhor secretário.

Liliane Neiva Arruda Lima – Coordenadora: Agora está sem som o dele. Aqui olha.

Carlos Eduardo Guimarães de Vasconcellos – Secretário Adjunto: Ah, então é dele.

Liliane Neiva Arruda Lima – Coordenadora: É, espera só um minutinho Mário, vou ter que ligar aqui para sair o seu som.

Carlos Eduardo Guimarães de Vasconcellos – Secretário Adjunto: Não, é aqui.

Mario Luís Fernandes Albanese – SIMPI: Bom dia a todos, senhores conselheiros, a minha questão aqui é com relação à utilização e liberação desse fundo.

Liliane Neiva Arruda Lima – Coordenadora: Será que está fechado. Mário, por favor, coloca a sua voz, só para a gente testar, se está saindo aqui para a gente.
Mario Luís Fernandes Albanese – SIMPI: Oi, bom dia senhor secretário, coordenadora, senhores conselheiros.

Carlos Eduardo Guimarães de Vasconcellos – Secretário Adjunto: Está baixo, está baixo aumenta aí. Bom, deixa eu ver se a gente aumenta aqui. Mário, acho que pode falar.

Mario Luís Fernandes Albanese – SIMPI: Bom dia senhor secretário, coordenadora, senhores conselheiros, na minha questão aqui com relação à utilização desse fundo especial, de como que nós poderemos acessar esse recurso para poder utilizar esse pagamento por serviços ambientais, reciclagem, todas essas questões que são de interesse da cidade, mas que nós podemos trazer esses projetos para poder agregar esse valor nesse fundo. Eu gostaria de entender um pouco melhor como funcionaria esse acesso a esse recurso. Essa é a minha questão.

Liliane Neiva Arruda Lima – Coordenadora: Mário, você pode estar encaminhando esse projeto seu aqui para o CADES. E será avaliado e vai passar na reunião no CONFEMA para ser também aprovado. Para todos os conselheiros aqui, se tiver algum outro projeto que seja a parte de financiamento e que cabe como projeto ambientais e sendo aprovado, então aí vai e passa para o gabinete e o gabinete, ele também dá o aval, está bom? Da aprovação. Então, todos os projetos que vocês tiverem, vocês podem encaminhar para a gente aqui para o CADES e a gente encaminha para o gabinete. Fanny, por favor?
Fanny Elisabete Moore – Macro Reg. Sul 2: Bom dia.

Liliane Neiva Arruda Lima – Coordenadora: Bom dia Fanny.

Fanny Elisabete Moore – Macro Reg. Sul 2: Então, eu sinto um pouco de descontinuidade. O ano passado, nós tivemos a apresentação do uso dos recursos. Eu me lembro até a revitalização dos parques. Nós questionamos a devolução de parte do recurso porque não teve estrutura e os parques continuam ainda com questões de revitalização. Então, assim, essa questão de como encaminhar, quer dizer, a gente também, eu estou no final do segundo ano do CADES, né, e agora eu tenho clareza sobre o que eu posso encaminhar uma proposta para apreciação da Secretaria encaminhamento ao FEMA. Então, eu gostaria de destacar essa questão da comunicação, porque se nós somos o conselho, nós deveríamos ter mais clareza sobre esses caminhos, né? E não tivemos, nesse ano, a prestação de contas, não sei se vai ter ainda, de 2024.
Liliane Neiva Arruda Lima – Coordenadora: Vai ter.

Fanny Elisabete Moore – Macro Reg. Sul 2: Vai?

Liliane Neiva Arruda Lima – Coordenadora: Vai ter. A prestação de contas vai ter após essa diretriz. A gente está tentando com a Tamires, que é a Tamires que apresenta, né? Então, ela está para apresentar agora, devido a agenda dela que está muito tumultuada, eu já sabia que vocês iam cobrar sobre isso, já até falei com o Carlos, sobre isso, já era para ser apresentado, já encaminhei o e-mail para ela, e está para ser apresentado sim.

Fanny Elisabete Moore – Macro Reg. Sul 2: Mas não hoje então?

Liliane Neiva Arruda Lima – Coordenadora: Não, não hoje, que hoje é só diretriz.

Fanny Elisabete Moore – Macro Reg. Sul 2: Então, por exemplo, essa questão da prestação que nós vamos ter depois, aqui só foi mencionado na apresentação da Elizabeth os 10% para o PSA. Nenhum outro foi apresentado. Eu queria destacar dois pontos, o consumo e descarte sustentável, o apoio do FEMA. No entanto, a gente viu nenhum pátio de compostagem na cidade, a campanha de comunicação eu não vejo. Eu não sei se os senhores veem, mas eu vejo um contêiner de descarte de vidro sem que nada tenha sido dito a não ser um adesivo no container. Então, eu sinto que nós não vamos conseguir mudar nossa cultura de descarte de resíduo enquanto a gente não fizer uma campanha efetiva, mas assim, em todos os lugares. Eu acho que sem a comunicação, o nosso resultado não vai ser bom. E acho que o FEMA precisa estar presente nisso, mas com uma campanha efetiva. Eu não a vejo acontecer. E para atingir toda a população, nós temos que falar com a comunicação de massa. Às vezes, está no site. O site é um recurso importante, mas insuficiente para comunicar com todas as pessoas da cidade. Tem que ser no jornal do ônibus, nos outdoors, em todos os lugares. Eu vou numa estação de metrô e tem uma campanha sobre descarte correto de medicamentos. Não tem no município isso. Na estação do metrô está lá quando você desce. Então, eu digo assim, nós temos outros caminhos de comunicação e essa questão da educação ambiental e de melhorar a questão do descarte tem que ser feita de uma forma mais efetiva. E a comunicação me parece o mais importante. Como a gente não teve aqui um detalhamento, a não ser que fez parte dos projetos de 2024, depois talvez a gente saiba como eles foram utilizados. Era isso, muito obrigada.
Liliane Neiva Arruda Lima – Coordenadora: Obrigada, Fanny. Sr. Flávio, fazendo um favor.

Flavio Luís Jardim Vital - Macro Reg. Centro-Oeste 2: Bom dia a todos. Presidente, coordenadora.

Carlos Eduardo Guimarães de Vasconcellos – Secretário Adjunto: Bom dia Flávio.

Flavio Luís Jardim Vital - Macro Reg. Centro-Oeste 2: Eu sinto um pouco o desconforto de analisar um documento tão extenso, não é tão extenso assim, mas ele é bem detalhado etc., sem encaminhamento prévio. Então, a gente acaba tendo não uma apresentação, a gente só fez uma leitura do documento, E, por exemplo, pontos como comunicação, formas de comunicação, como levantado pela companheira, não foram abordados nas diretrizes. Eu só estou entrando na questão das diretrizes. Que são as linhas mestras que o fundo deveria atingir, as suas metas macro etc. E eu tenho um certo desconforto em não ter recebido esse material previamente. Pelo menos eu não recebi. Então, seria mais interessante a gente poder fazer uma análise prévia do documento, identificando até discussões anteriores do conselho que aconteceram, se estão abordados, se poderiam ser abordados como diretrizes para o fundo. Essa é a minha colocação.

Liliane Neiva Arruda Lima – Coordenadora: Flávio, a gente costuma mandar sempre após a apresentação até então que a apresentação vai para o gabinete, o gabinete aprova a apresentação e traz para a gente. Então, foi encaminhado para a gente ontem à tarde a apresentação. Então já é costume.

Carlos Eduardo Guimarães de Vasconcellos – Secretário Adjunto: Isso daí, não impede que os conselheiros façam questionamentos. Isso daí, Flávio, não impede que os conselheiros ou grupos de conselheiros façam questionamentos em relação ao que está apresentado. A gente sempre deixa o final das nossas reuniões para comentários, para questionamentos, mesmo que sejam questionamentos em relação a apresentações que já foram feitas em reuniões passadas. Então, o nosso palco está sempre aberto aos nossos conselheiros, sejam nas questões da própria reunião, sejam das questões de reuniões anteriores. Fora que o gabinete também está sempre aberto, as nossas salas, o nosso e-mail está sempre aberto à troca de ideias, a respostas, aos questionamentos, ou seja, não existe nada obscuro, nada fechado na nossa secretaria. Estamos sempre disponíveis. É o que eu falo há quase 5 anos. Meu e-mail, minha sala e minha presença está sempre disponível para vocês.
Está bom?

Flavio Luís Jardim Vital - Macro Reg. Centro-Oeste 2: É, mas o meu comentário secretário, não é a questão de não apresentação etc. É uma questão de a gente poder colaborar mais excessivamente com o texto previamente apresentado. Quer dizer, fazer uma análise crítica em cinco minutos? É complicado.

Carlos Eduardo Guimarães de Vasconcellos – Secretário Adjunto: Não, não a gente não pede isso Flávio. A gente não pede isso.

Flavio Luís Jardim Vital - Macro Reg. Centro-Oeste 2: É um pouco complicado. Não, como está aqui na apresentação, no próprio expediente da convocação. Apresentação e aprovação. Se fosse só a apresentação, eu concordo com o senhor, porque a gente está fazendo a apresentação, a gente está passando aqui e, em tese, passaremos aqui com os conselheiros aprovando esse documento. Eu só acho um pouco temerário, é a minha colocação.

Carlos Eduardo Guimarães de Vasconcellos – Secretário Adjunto: O que a gente apresenta hoje é um processo, não é, ou seja.

Liliane Neiva Arruda Lima – Coordenadora: Está sendo gravado, foi mandado e-mail.

Carlos Eduardo Guimarães de Vasconcellos – Secretário Adjunto: Exato, isso, está sendo gravado, foi mando e-mail, e é um processo, ou seja, o que a gente está aprovando hoje.

Liliane Neiva Arruda Lima – Coordenadora: São as diretrizes.

Carlos Eduardo Guimarães de Vasconcellos – Secretário Adjunto: São as diretrizes. É o ponto final de todo um processo que a gente leva com vocês. Por exemplo, quando a gente fala de PSA, em quantas reuniões do CADES, a gente já falou sobre PSA? Diversas. Quando a gente fala, por exemplo, de lugares para fazer descarte, ou seja, é tudo, tudo são discussões que a gente já teve aqui no CADES, diversas discussões, e que acabam sendo organizadas num documento único.

Flavio Luís Jardim Vital - Macro Reg. Centro-Oeste 2: Isso. O debate nós estamos fazendo exatamente pela discussão do documento único. A coletiva do documento único pode ter qualquer ou uma divergência ou não, das discussões anteriores. Assim, é só um desconforto de a gente poder ter um pouco mais de tempo. E tudo bem.

Carlos Eduardo Guimarães de Vasconcellos – Secretário Adjunto: Não, eu entendo completamente. Mas também vejo que, às vezes, os documentos são atualizados até cinco minutos antes da nossa reunião também. A questão de um lado, a facilidade de um lado, também tem uma facilidade de outro. A gente entende, a gente compreende. É, hoje, o método que a gente usa. Nada que não possa ser trocado ideias entre todo o conselho e eventualmente decidido em conjunto. É um pedido. Assim como você está pedindo, de repente o conselho inteiro pede e a secretaria, o CADES tem poder para isso, tem força para isso e a secretaria muda. O Ravena, o secretario Ravena, já costumava falar, olha, a secretaria não existe sem CADES. Então, a gente ouve e a gente tenta sempre implementar os pedidos do nosso grupo, porque tem todo um respeito, tem todo um apreço e a gente ouve vocês. É o principal que eu quero falar aqui. Estamos ouvindo. Obrigado Flávio.

Liliane Neiva Arruda Lima – Coordenadora: Obrigado Flávio. Por favor Fanny.

Carlos Eduardo Guimarães de Vasconcellos – Secretário Adjunto: Espera aí, segura um pouquinho. Pede um segundo para a Fanny.

Liliane Neiva Arruda Lima – Coordenadora: Só um segundinho, espera aí Fanny. É que o Carlos tem uma outra reunião também para falar agora. É que ele tem uma outra reunião agora as 11 horas, se não ele vai chegar atrasado. Carlos te agradeço por hoje, boa reunião, ele já volta para nossa aqui. Fanny por favor.

Fanny Elisabete Moore – Macro Reg. Sul 2: Considerando a fala do Flávio, será que nós não podemos propor a apresentação hoje e a aprovação na próxima reunião, quando a prestação de contas for feita? Liliane, é possível? Que aí nos dará tempo de fazer uma avaliação mais crítica, é importante isso, porque eu acho que aqui tem pessoas com olhares importantíssimos sobre questões da cidade que precisam ser agregadas. A gente não pode deixar, a gente vai receber a apresentação, avalia e na próxima reunião a gente faz a aprovação? É possível?
Liliane Neiva Arruda Lima – Coordenadora: É possível, Fanny, só que a gente vai colocar em votação todos os conselhos aqui presentes, tanto na parte presencial quanto na parte online. Então, aí, temos mais algum questionamento? A Gabriela está aqui com a gente, da UMAPAZ. Aí, então, está dando continuamento aqui com a gente. Só um minutinho.

Gabriela Pinheiro Lima Chabbouh – UMAPAZ: Eu só queria que a gente avaliasse, (som ininteligível) para o uso dos recursos do FEMA, tem o seu gasto na aprovação das diretrizes, não tem nenhum prejuízo para os recursos?

Liliane Neiva Arruda Lima – Coordenadora: Não, não tem prejuízo, prejuízo nenhum. (Som ininteligível). Então, a gente fica só com uma apresentação e aí fica com a aprovação de todos, aí a gente coloca de novo para preparar, só a aprovação na próxima reunião, junto com a prestação de contas. Só que aí Fanny, vamos colocar isso em votação com todos os conselheiros, é que nem eu disse. Como vamos fazer a parte da aprovação. Então, tem que aprovar, tanto aqui na parte presencial e tanto na parte online. Está bom? Então, eu vou, então, conduzir aqui a mesa e vou fazer a parte da aprovação para vocês. Passa para mim, por favor, Sérgio, a lista. Você colocou para mim, quem está presente e quem não está. Por favor? Então, vamos começar aqui a votação para passar a aprovação das diretrizes do Fundo Especial do Meio Ambiente, feita em 2025, para a próxima reunião do CADES. Secretaria de Governo Principal, Ricardo Almeida, por favor. Seu voto é sim ou não? Quem não consegui, eu vou pegar pelo chat também, olha, eu vou riscar, aqui está como presente para ele, só que ele não está respondendo. Está como um riscado, sem nenhuma votação. Secretaria Municipal de Habitação. Marcos Antônio, por favor, Sr. Romano?

Marcos Antônio Santos Romano – SEHAB: De acordo.

Liliane Neiva Arruda Lima – Coordenadora: Obrigado, Marcos. Eu vou perguntar. Secretaria Municipal de Educação, Eduardo Murakami? Edu?
está por aí, Edu? Bom, quem não responder, eu vou colocar um traço que vai ficar sem a votação. Secretaria Municipal de Licenciamento, Giovanna?

Giovanna Estevam Saquietti – SMUL: Oi, sim.

Liliane Neiva Arruda Lima – Coordenadora: Secretaria Municipal de Transporte. Fernando. Secretaria Municipal de Infraestrutura e Obras, a Maria ou o Douglas está aí? O Douglas que está? nenhum dos dois? então, eu vou já riscando aqui. Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento, a Fernanda, por favor? Ou Adriana, se a titular não estiver, quem vota é a suplente. Secretaria Municipal de Saúde, a Magali ou Patrício.

Patricio Gomes Moreira – SMS: Sim, bom dia.

Liliane Neiva Arruda Lima – Coordenadora: Obrigada Patrício. Secretaria Municipal de Infraestrutura. O Cláudio está aqui comigo, Cláudio? É você, Cláudio. Secretaria Municipal de Subprefeituras.

Claudio de Campos – SMSUB: Sim.

Liliane Neiva Arruda Lima – Coordenadora: O Cláudio, coloca está presencial, só para deixar registrado. Secretaria Municipal de Cultura, Alícia. Quem está presente é a Kelly, a suplente.

Kelly Akemi Mimura – SMC: Sim, bom dia.

Liliane Neiva Arruda Lima – Coordenadora: Bom dia, Kelly. Secretaria Municipal de Justiça. Não tem ninguém presente. Coordenação de Educação Ambiental, a Gabriela, por favor.

Gabriela Pinheiro Lima Chabbouh – UMAPAZ: Sim.

Liliane Neiva Arruda Lima – Coordenadora: A Gabriela está presente, está com a gente. Coordenação de Planejamento Ambiental, a Lígia está aqui com a gente?

Lígia Pinheiro de Jesus – CPA: Sim.

Liliane Neiva Arruda Lima – Coordenadora: Coordenação de Gestão de Parques, que a Anita está aqui com a gente, presente.

Anita de Souza Correia Martins – CGPABI: Sim, também.

Liliane Neiva Arruda Lima – Coordenadora: A Coordenação de Licenciamento Ambiental, que é o Juliano. Está online.

Juliano Ribeiro Formigoni – CLA: Sim.

Liliane Neiva Arruda Lima – Coordenadora: A Coordenação de Fiscalização Ambiental (som ininteligível). Ministério Público, não tem ninguém. A Secretaria de Infraestrutura e Meio Ambiente. É a Célia Regina.

Célia Regina Buono Palis Poeta – SEMIL: Sim.

Liliane Neiva Arruda Lima – Coordenadora: Conselho Regional de Engenharia CREA/SP, a Flávia está presente online.

Flavia Cristina de Campos – CREA/SP: Bom dia, sim.

Liliane Neiva Arruda Lima – Coordenadora: Obrigada. Ordem dos advogados do Brasil, o Doutor Sanseverino, por favor?

Ricardo Crepaldi – ABES: Liliane, você está no mudo.

Liliane Neiva Arruda Lima – Coordenadora: Ele está aqui comigo. Você está me ouvindo? O seu som está desligado. Doutor Marco Lacava? Qual é a sua votação? Sim ou não? O seu som está desligado. Está mudo para vocês? Doutor Marco Lacava? Agora sim.

Marco Antônio Lacava – CMSP: Sim.

Liliane Neiva Arruda Lima – Coordenadora: Obrigada. Doutor Marco Lacava. Universidades, que é a UNINOVE, Professor Eduardo, por favor?

Eduardo Storopoli – UNINOVE: Bom dia, sim.

Liliane Neiva Arruda Lima – Coordenadora: Estou sentindo falta do senhor presencial Reitor.

Eduardo Storopoli – UNINOVE: Na próxima estarei aí, com certeza.

Liliane Neiva Arruda Lima – Coordenadora: É, está aí quietinho hoje, está bem. Associação Brasileira de Engenharia Sanitária, Doutor Ricardo Crepaldi, por favor?

Ricardo Crepaldi – ABES: Bom dia a todos, sim.

Liliane Neiva Arruda Lima – Coordenadora: Bom dia, obrigada. As Centrais e Sindicais, a Edilene.

Edilene Souza Machado – CTB/SP: Bom dia a todos, sim.

Liliane Neiva Arruda Lima – Coordenadora: Setor comercial, (som ininteligível) está aqui comigo. Setor

industrial, senhor Mário Albanese.

Mario Luís Fernandes Albanese – SIMPI: Sim.

Liliane Neiva Arruda Lima – Coordenadora: A Macrorregião Norte 2. José Ramos, por favor?

José Ramos de Carvalho – Macro Reg. Norte 2: Bom dia, sim.

Liliane Neiva Arruda Lima – Coordenadora: Obrigada, José Ramos. A Macrorregião Sul, a Jaciara, por favor? Ou senão a Fanny. Fanny ou a Jaciara.

Fanny Elisabete Moore – Macro Reg. Sul 2: Eu voto sim, obrigada.

Jaciara Schaffer Rocha – Macro Reg. Sul 2: Olá, bom dia.

Fanny Elisabete Moore – Macro Reg. Sul 2: Jaciara na frente.

Jaciara Schaffer Rocha – Macro Reg. Sul 2: Bom dia a todos, sim.

Liliane Neiva Arruda Lima – Coordenadora: Aqui da Jaciara, Fanny, eu vou colocar um ponto para ela, como você é suplente dela, estou colocando um sim dela. Estou colocando um só, está bom? A macrorregião Sul 3. Maria de Fátima, favor?

Maria de Fátima Saharovsky – Macro Reg. Sul 3: Sim.

Liliane Neiva Arruda Lima – Coordenadora: Obrigada, Maria de Fátima. A macrorregião Leste 1, a Delaine.

Delaine Guimarães Romano Macro Reg. Leste 1: Sim.

Liliane Neiva Arruda Lima – Coordenadora: A Macrorregião Centro-Oeste 1. A Celina.

Celina Cambraia Fernandes Sardão - Macro Reg. Centro-Oeste 1: Sim.

Liliane Neiva Arruda Lima – Coordenadora: A macrorregião Centro-Oeste 2, o Marcelo Rebelo. Marcelo entrou aqui. O Flávio se encontra no lugar do Marcelo Rebelo? Os observatórios a gente não vai colocar como votação, porque eles são só parte do auxílio aqui do CADES. O Eduardo colocou pelo chat aqui, deixa eu só colocar o Eduardo como sim também, que está pelo chat. Então eu vou somar aqui. Então, deu como aprovado, a aprovação das Diretrizes do Fundo Especial do Meio Ambiente do ano de 2025, junto com o plano de investimento que foi acolhido pelo Flávio e foi acolhido pela Fanny, que foi a decisão, que foi uma sugestão dos dois, colocou em votação. Então, na próxima reunião, a gente vai falar com a chefe de gabinete, porque é ela que apresenta. Então, a gente vai encaminhar essa apresentação de hoje para vocês, vocês analisam. E na próxima reunião, a gente coloca isso aqui para aprovação. Obrigada. Passando, então, agora para o quarto ponto do expediente. A gente vai esperar o (som ininteligível) chegar, então a gente vai passar para a Priscilla, pode ser? Então, o quinto ponto do expediente é a apresentação da implementação do Programa Municipal de Arborização Urbana, que é o (som ininteligível) apresentada pela coordenadora, Priscila Cerqueira, que é a nossa assessora técnica de gabinete. Priscila, seja muito bem-vinda aqui no nosso CADES Municipal e a apresentação de hoje já está até em tela, Priscilla. Obrigada pela apresentação.

Priscila Cerqueira – Assessora Técnica: Bom dia a todos. Conselheiros aqui presentes, e aos conselheiros que estão online, e aos demais participantes também. Agradeço ao conselho pelo convite, para participar da reunião hoje, apresentar para vocês sobre o Plano Municipal de Arborização Urbana. Já estive aqui em algumas ocasiões, então, os conselheiros já me conhecem. E é uma apresentação em continuidade ao trabalho que vem sendo feito desde 2019. Vamos lá. Só lembrando a vocês, qual é o objetivo geral do nosso Plano Municipal de Arborização Urbana. Ele é um instrumento para definir o planejamento e a gestão da organização no município, visando o aumento da resiliência das cidades em mudanças climáticas, qualificação da paisagem e satisfação da população. Conceder pressupostos da ecologia e das cidades inteligentes. Vamos guardar um pouco esse objetivo e a gente volta a falar sobre ele mais para frente. E tudo que está de conteúdo no plano segue princípios e diretrizes. Gestão planejada e inclusiva, participação social, fundamentação científica e técnica das ações, e integração dos órgãos públicos e agentes que atuam na arborização. E aqui a gente vai falar bastante sobre essa integração. Otimização dos recursos públicos investidos na gestão da arborização e governança. Tudo que está também de conteúdo no plano está ligado em três ODS, o 11, o 13 e o 15. A vigência desse plano são 20 anos e está prevista a revisão a cada cinco anos. Lembrando que ele foi finalizado, foi entregue em setembro de 2020. Todo o

conteúdo do plano está dividido em cinco temas. Conhecer, envolver, plantar, cuidar e integrar. Essa composição do plano é um diferencial em relação ao plano de outras cidades do Brasil e de outros países que normalmente tratam por assuntos, por exemplo, legislação, educação ambiental, fiscalização, e nós aqui optamos por trabalhar todos os assuntos nesses grandes cinco temas, de modo que a gente conseguisse uma visão mais sistêmica da gestão da arborização. Então, relembrando como foi a elaboração do plano. Nós iniciamos em maio de 2019, no primeiro momento, na primeira etapa, um grupo aqui interno da secretaria levantou tudo o que nós já tínhamos de informação sobre a arborização. Esboçamos um roteiro para se fazer esse plano e apresentamos aqui no conselho. Validamos aqui no conselho se esse roteiro contemplaria tudo o que um plano deveria ter. Então, estou destacando aqui para vocês, a importância dessa participação junto ao conselho que é representativa. No segundo momento, nós fizemos então um grupo Inter secretarial para seguir aquele convênio já estabelecido e aprovado, em dois momentos, primeiro, nós fizemos um amplo e profundo diagnóstico desde agosto, de setembro de 2019 até março de 2020, e, na sequência, com base nesse diagnóstico levantado, nós propomos, então, o plano de ação. Novamente, né, submetemos a consulta pública, mas também apresentamos aqui no conselho esse plano de ação. E, no terceiro momento, nós elaboramos, então, o texto final e ele foi publicado. Só lembrando que, falando dessa importância da participação, o Plano Municipal de Arborização Urbana, ele já, na fase de embrião, ele já foi participativo, uma vez que ele foi previsto no Plano Diretor Estratégico em 2014. E o Plano Diretor Estratégico também, pelo seu conteúdo, antes de ter publicado a lei, ele também passa por uma consulta pública. Então, ele já constou em 2014, como uma ação prioritária do SAPAVEL, elaborada pelo Plano Municipal de Arborização Urbana, artigo 288 e inciso IV. E, em 2023, na revisão do PDE, entrou como ação prioritária e implementando o plano que já estava pronto desde 2020. Como é que foi feito, então, durante a elaboração desse amplo e profundo diagnóstico que estou contando aqui para vocês? Relembrando na verdade eu já apresentei isso aqui, mas acho importante a gente relembrar, porque muito do que foi feito na inauguração está sendo agora aproveitado na implementação. Nós fizemos reuniões em grupos temáticos, aqueles 5 brilhantes temas que nós falamos, oficinas técnicas, com todos os técnicos de várias secretarias, oficinas participativas presenciais para a população, oficinas com os viveiristas que produzem mudas, concessionárias e serviços públicos, as empresas terceirizadas que prestam serviço de plantio e manejo, equipes de fiscalização ambiental e pesquisadores de universidades e institutos de pesquisa. Aplicamos um questionário para todos os técnicos das subprefeituras que atuam diretamente no dia a dia com o manejo, um questionário para a população em geral, disponibilizamos um e-mail durante todo esse período, de 19 até 20, e fizemos também um levantamento e um mapa da participação social. Então vejam, desde sempre nós estamos dando luz e importância para essa participação. E não só a participação via conselhos já formados, nós temos aqui o CADES, os CADES regionais, subprefeitura, conselhos de gestão de parques, conselhos participativos, mas sim para todas as pessoas que estiveram aqui naquele momento, tinha algo a falar, foi aproveitado. Aqui uma foto das oficinas participativas presenciais. Nós fizemos uma oficina onde as pessoas, num primeiro momento, colocavam na raiz tudo que elas estavam entendendo do hoje, como é a gestão da urbanização hoje, e, no segundo momento, na parte da copa, a visão de futuro, como elas imaginam a cidade, a urbanização da cidade em 2040. E, de entrada para vocês, um desses bilhetinhos é, via voluntariado e CADES educação ambiental sensibilizando os moradores. Desde sempre, esse conselho esteve junto à elaboração do plano. E, sendo lembrado, pela população. O questionário da população nós recebemos 5.692 respostas. Ficou disponível durante o mês de fevereiro de 2020. Pode passar. E aqui o primeiro mapa da participação social indicando ali as regiões mais escuras onde a gente tem maior quantidade, ele é quantitativo, maior quantidade de grupos, movimentos, coletivos e iniciativas atuando na pauta de arborização. E aqui, a distribuição desses mesmos grupos, mais de fundo é a imagem da vegetação, da cobertura arbórea que a gente tem na cidade. Então, não necessariamente as regiões que são mais arborizadas, a gente tem mais participação, não existe essa relação. Na etapa do plano de ação, no dia 17 de março, nós tivemos o decreto da pandemia, então nós passamos a trabalhar online. Então, todo aquele pacote de diagnóstico que foi feito no ano, nós passamos a discutir, item a item, esse conjunto de problemas e no final saímos com uma proposta de 219 ações. Essas ações foram colocadas para consulta pública durante 20 dias do mês de agosto. Disponibilizamos para cada um dos temas toda a relação de problemas que foram identificados na etapa de diagnóstico. Gostaria de destacar aqui, que, desde que esse diagnóstico foi feito, muitos problemas ainda persistem. Nós estamos falando de cinco, seis anos aí. E toda vez que a gente tem um problema na cidade, claro, especialmente quando, um ambiente climático, cai uma árvore, alguém vai para a mídia e tira todos esses problemas, então, sem novidades gente, nós já sabemos desses problemas, eles estão catalogados, estão descritos lá no plano. É um plano que tem mais de 500

páginas. Esses problemas estão descritos em texto, tem tabela, números, dados, tem gráficos, está tudo bem registrado lá. E a partir desse primeiro registro que nós pensamos a proposta de soluções para esses problemas. Então, para cada um desses problemas, nós tínhamos feito 219 propostas de ações, as pessoas analisaram o que é a proposta e foram nos informando, olha, sim, essa ação que vocês estão propondo está ok, olha, eu acho que não, eu acho que precisam mudar esse texto, não está muito claro. Cada uma das 438 propostas, nós analisamos também e classificamos. E fizemos uma devolutiva no diário oficial para cada uma delas, explicando se foi considerada ou não a sugestão que a pessoa fez. E nós reorganizamos essas 219 ações e sobraram, então, 170 ações. Não foram exprimidas, elas somente foram reagrupadas. Porque, veja, o quanto é importante olhar de quem está de fora, a população lendo aquelas propostas. Olha, isso que vocês estão falando aqui é muito parecido com essa outra ação aqui, que eu acho que dá para juntar. A gente fez esse arranjo. Apresentamos ao CADES, então, no dia 9 de setembro de 2020. E, no dia 23, uma segunda apresentação, porque tínhamos aqui uma comissão especial de acompanhamento. Elaboramos o texto final e foi divulgado no site. Aí eu abri aqui, quem quiser baixar, quem ainda não leu o plano, quiser baixar, está aqui o PDF. Pode passar. Bom, montamos uma tabela, com as 170 ações para ser o roteiro da implementação. Lá já está bem claro qual é o gráfico de função que precisa ser feita, a secretaria responsável, qual é o setor que precisa participar, uma sequência de etapas, contribuição na consulta pública daquelas 438, nós numeramos agora na fase de implementação, a gente está aproveitando o que foi sugerido pela população e as metas. Pode passar. Nós tínhamos, naquele momento, em setembro de 2020, no auge da pandemia, (som ininteligível), nós tínhamos uma ideia de que em janeiro de 2021 a gente ia conseguir iniciar a implementação do plano. Não foi possível, né, por causa da pandemia, só houve um pequeno atraso. Então, efetivamente, a primeira ação implementada foi em 2022, a ação 122, revisada na Lei Municipal nº 10.365/1987, é a nossa principal legislação de manejo arbóreo. Então, ela foi revisada e foi sancionada na Lei nº 17.794/2022. Eu destaco ali para vocês três artigos da Lei, artigo 4, artigo 7 e artigo 11, que citam que precisa ser considerado os objetivos, as diretrizes, os princípios estabelecidos no PMAU. Então, o PMAU está instituído por essa lei. Posteriormente, tivemos o decreto 61.859/2022, que divide as competências de atuação da Secretaria do Verde e das Secretarias e Subprefeituras no manejo da arborização. Ainda em 2022, nós implementamos a ação 68, que é também esse fluxo de procedimentos para recebimento das mudas de TCA. Essa ação acabou estando à frente porque havia naquele momento uma recomendação da controladoria para que esse serviço tivesse procedimentos mais claros. Então, nós publicamos uma instrução normativa em março de 2022. E essa instrução já foi revisada e atualizada, incluindo mais duas ações, então nós temos aí uma portaria. E essa portaria já permitiu que a gente aumentasse em 70% a diversidade de espécies recebidas ali no (som ininteligível). Pode passar. Em 2023, em janeiro, nós formalizamos uma comissão de implementação, com integrantes do gabinete e a divisão de arborizações urbana. (Som ininteligível). Ainda em 23, nós implementamos a ação 96, avaliando áreas arborizadas que precisam de proteção. Classificamos, então, vegetação significativa. E atualizamos essa camada que está disponível no GeoSampa. Nós tínhamos áreas arborizadas e classificadas como instituição significativa da nossa cidade pelo Decreto de 1989. Então, o levantamento que foi feito em 87 e 88, 32% do território estava classificado com vegetação significativa. Como essa atualização que foi feita, baseada no que está na lei, 17.794, nós aumentamos para 44% do território classificado com vegetação significativo. Como estamos hoje? Daquelas 170 ações, 14 já foram concluídas, 15 parcialmente concluídas, 3 não concluídas, então, esse pacote mais os 49 que estão em implementação, somando 81 ações das 170, já foram trabalhadas, estão sendo estudadas e implementadas. Está disponível aí, deixei o link para o outro site da Secretaria, na aba de planos, arborização urbana, tem o item de implementação, está disponível o relatório com todas as 170 ações e o seu status atual. Explicando, inclusive, qual é o produto. (Som ininteligível). Qual é a portaria que está publicada. Tem o produto já gerado. Quem quiser acessar e achar, já está disponível. E agora eu vou comentar rapidamente, das ações concluídas, o que a gente já fez. Então, ação 2, nós atualizamos a lista das espécies exóticas invasoras com os procedimentos para controle e (som ininteligível). Ação 4, publicamos na lista das espécies arbóreas nativas na cidade de São Paulo, mais de 600 espécies, nós temos nativas aqui, só de arbóreas. A ação 5, 68 e 70, são aqueles procedimentos para recebimento das mudas, oriundas da TCA. A ação 20 tem o monitoramento do sensoriamento remoto e alertas, a gente auxilia a fiscalização. A ação 30, relatório anual de gestão da arborização urbana, está disponível também no site da secretaria. Curso de arborização, previsto na ação 36, aberto a toda a população, foi regularizado. Ação o que acontece lá na UMAPAZ. Ação 67, nós indicamos quatro áreas para implantação de viveiros estacionais descentralizados. Hoje nós temos praticamente só o viveiro do Ibirapuera, que recebe mudas oriundas de TCA e a gente tem um problema de fluxo, de trânsito, né, rodízio. Não é uma área muito adequada, então a gente já identificou outras (som

ininteligível). A ação 94, recurso do orçamento próprio para a contratação do serviço de plantio. Os conselheiros mais antigos lembram que até 2022 nós utilizávamos o recurso do FEMA para esse serviço, que é um serviço contínuo, não é projeto. Já também essa ação foi implementada. Pode passar. Criamos também um material técnico que está sendo distribuído junto com as mudas. No âmbito da campanha permanente do incentivo à arborização, a população pode solicitar essas mudas e retirá-las no viveiro. E aí nós estamos já fornecendo esse material. Está disponível também no site. Fizemos o cadastro à população que participa dessa campanha, (som ininteligível) aí um mapa para quais regiões essas mudas estão sendo distribuídas. Isso vai auxiliar agora a identificar as regiões com a menor participação, para que a gente tenha mais ações de educação ambiental, distribuição das mudas. Pode passar. (Som ininteligível) que é a portaria do licenciamento. Eram duas ações que estavam prevendo isso. Aqui já entramos nas partes finalmente concluídas e gostaria de destacar uma (som ininteligível). Nessas ações, nós elencamos várias atividades que precisavam ser feitas e, na revisão da portaria, algumas não foram tratadas. Então, ela está como parcialmente concluída. Na ação 120, na parceria com a GCM e com a polícia para a fiscalização, conseguimos a parceria com a GCM e não foi possível ainda com a polícia. Ação 33, nós elaboramos um cadastro de toda a população que deseja atuar na gestão participativa. Esse cadastro foi feito agora de janeiro até março desse ano. Recebemos as inscrições e analisamos, são 190 cadastrados. Elaboramos também procedimentos para que esse processo participativo aconteça. Era uma demanda, né, isso apareceu no diagnóstico, as pessoas pensam os projetos para desenvolverem nos bairros, não sabiam por onde dava entrada, com quem falava, e isso acabava ficando perdido e personalizado. Nós vamos agora, no dia 25 de maio, fazer o primeiro encontro com esses 194 cadastrados para trabalhar melhor essa grama de projetos. Pode passar. Ação 101, nós fizemos a padronização do laudo de manejo arbóreo. Então, isso está disponível também numa portaria. Era uma exigência da lei de abril. Então, todos os técnicos da prefeitura ou os técnicos que os munícipes contratam para avaliar suas árvores, tem que preencher esse modelo de laudo. E o que está em implementação. O inventário, nós estamos elaborando o termo de referência para contratar esse serviço. Estamos elaborando também uma lista de espécies que serão recomendadas para serem utilizadas na arborização urbana. Ação 6 tem uma cooperação técnica vigente entre a Secretaria (som ininteligível) USP no projeto Artes Funcionais, planejamento orientado pelo desenvolvimento e nós estamos aqui estudando as espécies mais adaptadas às condições climáticas da cidade. Estamos elaborando um protocolo de avaliação de risco de queda na ação 27, revisando o decreto do TCA nas ações 77 e 125, revisando também a forma ambiental com várias ações, 79, 80, 81 e 124, elaborando procedimentos para envio e recebimento dos resíduos de manejo para compostagem. Isso já está... Uma parte já está sendo feita, né? O resíduo de manejo dos Parques. E elaborando os planos regionais de arborização, um para cada subprefeitura (som ininteligível). A ação 90 tem, inclusive, agora o projeto de lei sobre vaga verde. Isso já estava previsto lá no PMAU e já está sendo feito também pelo contrato de plantio da secretaria, explorar alternativas locacionais, visando da arborização, identificar em conjunto com a CET as vias públicas potenciais. E a ação 141 é a integração do plano de arborização com os demais planos.
É importante a gente destacar que a arborização, sim, é um elemento fundamental para que a gente consiga adaptar a cidade às mudanças climáticas. Mas só a arborização não é suficiente. Nós vamos precisar repensar e implementar as ações de todos esses outros planos e repensar no modo como nós estamos ocupando e reocupando a cidade. Para que a gente consiga ter bairros como esse mais arborizados, a gente vai ter que repensar esse processo de urbanização. O objetivo é esse, é a gente ter a cidade com esse índice de arborização. Mas, observem que não é só arborização em áreas públicas, não é só com arborização de áreas públicas que a gente vai conseguir isso. Então, a arborização nas áreas particulares, nas privadas, nas áreas internas, que nós chamamos, é fundamental que se proteja, que se mantenha. Muito obrigada.

Liliane Neiva Arruda Lima – Coordenadora: Bom dia. Obrigada por sua apresentação. Ricardo, seja muito bem-vindo. Você pode sentar aqui, Ricardo. Eu quero agradecer aqui a Priscila pela sua apresentação e agora a gente vai colocar para as perguntas. Primeiro a gente vai colocar aqui na parte presencial e depois na parte online, por favor. Na parte presencial, não? Tranquilo? Então, na parte online, vamos colocar aqui em ordem. Sr. Mário Albanese, a Fanny e a Celina. Então, primeiro eu passo a palavra para o Sr. Mário Albanese, depois para a Fanny e depois para a Celina.

Mario Luís Fernandes Albanese – SIMPI: Oi, Priscila. Primeiramente, muito prazer. Parabéns pela sua apresentação e pelo seu trabalho. Nós queremos só agregar aí nas suas colocações, que eu vejo que é muito importante essa comunicação do que está sendo feito, nessa questão da arborização, nessa questão do catálogo, nessa questão de realmente estarmos atuando na prática na cidade de São Paulo. E nós, como somos do SIMPI, que é um sindicato representativo para esses micros e pequenos empreendedores, nós temos aí hoje uma capilarização de mais de 15 milhões de microempreendedores individuais, onde nós

podemos estar passando essas informações para cada um na sua região, poder estar auxiliando aí a Prefeitura, a Priscila nessa questão do PMAU, para que a gente possa realmente acelerar esse processo. Não sei como que você vê isso, se você entende que é necessário, que nós colocamos aí à sua disposição, está bom?

Priscila Cerqueira – Assessora Técnica: Agradeço Sr. Mário. Eu sugiro que todas as pessoas que poderiam estar contribuindo, se dirijam aos CADES regionais. Nossa porta de entrada para todos os projetos será o CADES regional. Então, está estruturado isso, o pessoal já está preparado para receber, projetos (som ininteligível).

Liliane Neiva Arruda Lima – Coordenadora: A Fanny, por favor.

Fanny Elisabete Moore – Macro Reg. Sul 2: Muito obrigada, Priscila. Eu estava esperando essa apresentação, porque eu acho que a questão da arborização está no centro da nossa discussão para as mudanças climáticas, então o Conselho precisa estar atento e participar dessa decisão. Muito obrigada. Eu gostaria de começar pelo seu final, que é a integração entre planos e entre órgãos da própria prefeitura. Quando você destacou agora a presença dos CADES regionais, que é vital. Sem uma pessoa no território, a gente não consegue. Eu como venho do CADES regional, venho do Conselho de Parque e CADES regional. Então, eu vi algumas coisas para a gente refletir juntos. A presença, por exemplo, das concessionárias. A mesma concessionária atende a Secretaria do Verde e a subprefeitura, só que isso não conversa. Quando eu pedi para o Cades Santo Amaro quantas árvores foram cortadas, aí eu consegui saber que, entre plantadas e cortadas, nós tínhamos uma defasagem de mil para serem repostas, que é uma obrigação legal da subprefeitura. Então, eu gostaria de chamar a atenção para esse diálogo, porque a gente não consegue, a gente ainda não tem um inventário arbóreo. Seria o passo inicial. Eu vi lá na Agenda 2030, deveria começar em 2019 para ser o patamar de comparação, e a gente não tem. Então, eu acho assim, até para fazer o inventário, as subprefeituras podem ajudar. Agora, o que acontece, e é muito bom chamar atenção aqui no Conselho, a participação do subprefeito, que é o presidente, coordenador do CADES, não acontece. Ela não acontece e o Cades não caminha. A Secretaria do Verde deve ter um representante no Cades regional. Às vezes, ela não tem e não caminha. Então, acho que existem questões, do ponto de vista da legislação e da implementação, que antecedem essas ações que nós precisamos que aconteçam. Então, assim, finalmente, para terminar, essa eu comecei pelo fim, para terminar a questão, eu acho que a cidade precisava fazer uma parada desmatamento zero, porque a gente deveria pensar em cada árvore que a gente vai tirar, pensar no nosso patrimônio ambiental, o que nós temos hoje e como conservar. E eu sei também que existem equipamentos, tipo uma ultrassonografia, que podem dizer se uma árvore tem risco de queda. Eu acho que todas as subprefeituras poderiam ter esse equipamento junto às equipes e fazer esse diagnóstico local para a gente evitar que cada vendaval, cada tempestade, cada chuva derrube as árvores, deixe a cidade sem luz e apavorada. E a gente precisa da população conosco. E eu fiz uma sugestão lá em 2019 que a gente identificasse as árvores da cidade nos parques e nas praças, para a população saber o que é exótico e o que é nativo. Isso tem de forma incipiente lá no Parque Augusta, A subprefeitura da Céu, (som ininteligível), fez um projeto, mas ainda não se expandiu para a cidade. Eu acho que a população precisa conhecer as nossas árvores. E por que uma exótica tem um papel e pode comprometer as nativas? E por que a gente deve investir nas nativas? Isso é uma educação ambiental que dá para fazer no parque, na praça, em todos os lugares. Muito obrigada.

Priscila Cerqueira – Assessora Técnica: Obrigada pela sua fala. Muito do que eu vinha destacando na apresentação é sobre isso. O tempo todo o plano iniciou, foi elaborado e está sendo implementado de forma participativa, porque a cidade é grande, é diversa, é complexa. Só as ações voltadas pela prefeitura não correm. E não é que não dá conta no sentido de execução, mas no sentido também de sensibilização. As pessoas precisam entender o que é, qual é a importância, qual é o (som ininteligível) de serviços ecossistêmicos que aquela árvore em frente a casa dela, ou na praça e perto da casa dela oferece. O quanto de impacto positivo isso vai apresentar a ela no dia a dia. (Som ininteligível) mais do que o subprefeito, nos CADES regionais, onde precisamos ter a participação dos técnicos que atuam na subprefeitura. (Som ininteligível). Outro item, as concessionárias, que você falou. Nós temos ações previstas no plano para serem desenvolvidas em conjunto com eles. Já durante a elaboração também eles participaram da fase de diagnóstico e da fase de (som ininteligível). Então, tem ações que vão ser feitas em conjunto. De 2023 para cá, nós tivemos, pelo menos, três eventos climáticos bem graves, que bairros inteiros ficaram dias sem energia. Lógico, as árvores acabam ficando como as grandes vilãs, mas em todos esses momentos, nós nos aproximamos e falamos, olha, precisamos desenvolver essas ações em conjunto. O plano tem pacotes, tem segmentações para a gente conseguir avançar um pouco e verificar essa gestão. De tudo que eu mostrei

para vocês, se vocês observarem, baixar o documento da implementação e observarem, tem ações estruturais que foram iniciadas. O primeiro pacote não é algo que dá (som ininteligível), é estrutural. É como a gente reformar a nossa casa morando nela. Não dá para a gente chegar e dizer, ah, só vou pintar. Você já queimou o micro-ondas, já queimou o liquidificador, porque a fiação está ruim. A gente só vai pintar a parede? Precisa mexer na estrutura. Então a gente atuou inicialmente na reforma da legislação, que vai nos dar toda essa base para conseguir fazer o resto. Então, diversidade de espécies que você falou, melhoramos o recebimento de mudas. Já tem 70% a mais de diversidade para a gente fazer plantios agora. Outro item, último item que você comentou. Eu lembrei. Eu acho que ela desligou. Resumindo, a gente está fazendo um esforço muito grande. Estamos implementando o plano da maneira como ele foi elaborado. Todo mundo que está disposto a participar, está sendo absorvida e a gente vem fazendo essa elaboração conjunta. O cadastro foi um avanço, a gente vai conseguir trabalhar na população, nas regionais agora, não só na parte do planejamento interno, mas sim em campo mesmo, atuando, e assim a gente vai avançando. São 20 anos, o plano está previsto para 20 anos. Fica sempre em aberto, todo mundo que nos procurou, apresentou o projeto e estava realmente disposto a construir junto, nós estamos trabalhando. Bom, o grande desafio é esse primeiro ponto. É a gente conseguir sensibilizar e fazer esse envolvimento, por isso que nós temos aquele tema envolver, não é só para a gente ser uma participativa da população, mas também interna, porque todas as secretarias acabam trabalhando em conjunto também. Não dá para a gente falar de saúde, de educação ambiental, de educação, sem falar do meio ambiente. Então, o nosso grande desafio hoje, realmente, é trabalhar em conjunto. Mas vamos seguir. Obrigada. Eu lembrei do último ponto. Ela falou sobre identificação das árvores. A sua sugestão entrou como uma ação. É uma ação final de fazer, em conjunto com a população local, a identificação dessas árvores. Ela está prevista para ser implementada. E sobre a proteção, nós temos que proteger, não pode mais cortar as árvores, fica também aqui a reflexão que eu falei no final. (Som ininteligível). Temos que pensar, sim, nas áreas do licenciamento, como é que a gente faz para manter o que já está formado hoje, arborização que já está adulta, bem, prestando todos os seus serviços.

Liliane Neiva Arruda Lima – Coordenadora: Obrigada, Pri. Lembrando que no dia 24 temos um evento dos cadastrados.

Priscila Cerqueira – Assessora Técnica: É um encontro de cadastrados, nós fizemos o edital, população, associações que iriam apresentar projetos na gestão participativa, no edital tem 190 cadastrados. A gente vai fazer o primeiro encontro para debater as modalidades de projetos.

Liliane Neiva Arruda Lima – Coordenadora: Obrigada, Pri. Agora tem a Celina e depois a Maria de Fátima, por favor.

Celina Cambraia Fernandes Sardão - Macro Reg. Centro-Oeste 1: Oi, você lembra de mim, que eu sempre fui acompanhando as apresentações. Também a ONG está nessa parte da gestão participativa. Já fizemos aqui plantios junto com a Subprefeitura de Pinheiros, que a gente doando mudas da fábrica de árvores. Foram uns plantios bem legais em várias praças. E tem alguns, assim, tem muitos problemas, né? A gente realmente tem horas que fica até meio perdido. Toda hora a gente tem que ficar parecendo apagando incêndio, né? É bem complicado. Então, assim, complementando o que a Fanny falou, tem muitas coisas que eu ia comentar, mas ela já colocou. O que acontece com a maior parte das subprefeituras, pelo menos aqui a de Santo Amaro e de Pinheiros, a falta de destocador. porque a gente sabe que esses plantios para reposição não são com a Secretaria do Verde, só que aqui em Pinheiro só tem um destocador. E eu perguntei para um pessoal que estava fazendo poda de Santo Amaro e eles falaram que parece que estava quebrado. Então, já fica esse problema. Você não consegue, às vezes, repor. Se demora muito, às vezes, até o munícipe vai lá e cimenta, né? Então, a gente está perdendo árvores grandes, perdendo mais espaço. Outro problema que eu vejo também, meio, não sei como se fala essa coisa, tem que ser integrada. Quando as subprefeituras contratam para fazer calçadas, que nem eu posso citar na Avenida Santa Catarina, eles não estão seguindo a Agenda 2030 do PLANCLIMA, que é para desempermeabilizar. Eles concretaram vários quarteirões dessas calçadas Santa Catarina que tinham canteiros. Algumas mudas morreram, mas os canteiros, pelo menos, servem para captar a água da chuva. Então, está indo totalmente contra. Então, essa parte, na prática, precisa... A gente vê a Prefeitura, a Secretaria do Verde, fazendo a primeira parte dela, desempermeabilizando, fazendo várias ruas, canteiros e áreas verdes, bem arborizados, como você situou aí, que vai ter uma biodiversidade, que eu estava esperando isso já há um bom tempo, que você segue a própria lista. das espécies nativas que vocês tinham anterior, que agora acho que entrou outra, né? Que eu vi ali mais de 230 espécies, que é um número bom dessas, e realmente tem algumas que vão ser próprias para a calçada, as outras para dentro das praças, então é um material ali muito bom. E o que acontece

assim, a partir do momento que a Prefeitura fizer esse trabalho, espero que até 2030, vai poder realmente cobrar os munícipes. Só que aí não sei se vai começar a cobrar que desempermeabilize primeiro pelas partes comerciais ou pelas residências. Porque o problema sério que eu vejo aqui, todos os comércios estão fazendo, eles rebaixam as guias, fazem vários estacionamentos para carro, muitas eu os vejo tirando as árvores, conseguem fazer essa que eu não sei onde essas árvores vão ser replantadas, porque pelas leis falam que eu fiz essa verba que vai para o FEMA, só que o ideal seria que plantasse realmente bem próximo. não plantar depois, sei lá, em outro município. Então, a gente vai perdendo muitas áreas com a própria iniciativa privada. Então, talvez eu ache interessante começar pelo comércio, porque eles é que estão realmente tirando muitos canteiros, canteiros não, mas calçadas que são com guia altas, que tinham a possibilidade de fazer plantios, eles estão rebaixando e fazendo mais área para carros. Então, eu tenho também uma questão para ser colocada assim, eu queria até ver depois, Liliane, se você conseguiria, para mim, na última apresentação da zeladoria urbana, que eu falei do caso que foi de um plantio junto com a subprefeitura, na Praça de José Antero, que várias mudas foram retalhadas com a roçadeira. Inclusive, um jequitibá que foi cortado, assim, retalhado até um metro de altura, que foi um crime ambiental. E eu mandei o e-mail para a Carolina, só que voltou. Então, estava carolinefr. Eu gostaria, se possível, que vocês me mandassem depois esse e-mail correto, porque retornou. Não sei se eu anotei errado, porque ela é Carolina, e o e-mail está carolinefr. Então, eu mandei para ela tudo que foi feito dos plantios, desde o começo, fotos, e eu pediria que vocês mandassem. Então, a gente tem que tomar uma atenção muito grande porque mesmo você colocando proteção e mesmo que você coloque aquela de plástico, eles passam tão forte que quebra a proteção e machuca a árvore. Então, esse já é um problema, que a gente está vendo também pós-plantio. Não vai adiantar plantar, que depois vem a roçadeira e detona. Isso é obrigatório, realmente, eles não tirarem a proteção. Porque quando tem um pessoal da (som ininteligível), eu vi que ele falou, olha, eu não tiro a proteção. E essa empresa foi a (som ininteligível). E outra coisa que eu precisava ver, essa parte da poda é muito complicada. Muitas podas, eu acho, totalmente equivocadas, porque eu tive apresentação, uns anos atrás, pelo conselho participativo do IPT, e eles não recomendavam podas assim. Então, eu vou citar aqui o plantio que nós fizemos na praça, em conjunto com a subprefeitura também, que depois eu fiquei regando na praça da Rua Cansas, da Procópio, e eu fui em outubro e filmei, estava uma pata de vaca, aí eu filmei que eu vi o quê? Um buraco, o que que tinha no buraco? Um filhote pica-pau. Aí ele botando a cabecinha para fora, filmei, ficou bem legal, postamos. Agora, eles tinham feito, no começo do ano, uma revitalização da calçada e dos canteiros, até achei também equivocado que fizeram a calçada do mesmo jeito que era só concretada, e ficou muito larga, e a ideia era que desempermeabilizasse mais. E aí eu filmei, eu olhei, cadê o tronco da coisa? Filmei de novo na mesma posição, o tronco foi cortado, um tronco grosso. Aí eu pergunto, fizeram a poda, que eu tenho que aguardar aqui a Rosa, que é daqui da subprefeitura, para questionar. Por que a florestana cortou um tronco grosso, que ele era bifurcado, não estava atrapalhando a passagem, e cortaram o quê? Porque viram um buraco, só que era o pica-pau, o filhote pica-pau que estava ali. O procedimento é esse, você vê um buraco e você corta, que eu saiba que o pica-pau não ia prejudicar em nada, certo? Então, aí tem vários pontos. Outra coisa que eu só quero citar. Tem uma praça que eu adoto, que é a Praça André Puca, que é próximo do metrô. Já vou resumir aqui. Essa praça Procópio, eu comecei em 2021 plantando da maneira correta, seguindo o manual. Todas as árvores nativas já tinham, pelo menos, só umas 10. E eu precisava ver assim, como você está querendo, de repente, que eu queria apresentar um projeto. E eu fiz placas educativas. Tanto é que a Juliana, quando foi lá, ela até tirou fotos e eu fiz plaquinhas em todas essas, praticamente na maioria das árvores, como eu tinha criado uns posts e eu publiquei na Young Sampa, uns posts com fotos e todos os dados técnicos de uma maneira bem simples. E aí aproveitei e tive a ideia de pegar e fazer plaquinhas e coloquei nelas. Não sei se dá para vocês verem aí. Aqui você tem foto e aqui você tem um texto, que serve até de colinha para mim, que às vezes eu esqueço. Então, é legal, porque às vezes tem gente que passa e fica lá olhando a placa, somente quem se interessa, que é bem educativo para as pessoas. Porque eu também, antes da pandemia, eu não conhecia tantas as árvores. Depois da pandemia, eu comecei a comprar da fábrica de árvores, aí fui pesquisando. Então, é interessante essa parte da gente ter esse interesse da população, pelo menos uma parte pequena, infelizmente hoje, só que assim, o que eu estou falando é, você tem que ver também depois o pós-plantio, que a Fanny falou muitas coisas, são problemas, a gente sabe, só que tem que ver essa parte da própria empresa que é contratada para fazer a roçagem, da empresa que são contratados para fazer a poda, que estão fazendo umas podas muito drásticas, e tanto é que assim, que na praça toda vez que fazem, tem árvore lá que acaba depois caindo um pedaço e depois uns anos está morrendo. Na outra praça que eu adotei também. Várias aroeiras pimenteiras que cortam, ela começa a brotar e depois acaba caindo. Eritrina também, vocês podem ir lá

ver, cortaram tão drástico que começa a brotar e morre. Então, são coisas assim que eu acho que são pertinentes para a Secretaria do Verde, não sei quem é que fiscaliza, porque eles tiram foto depois do que foi feito, mas uma foto é, assim, meio abrangente, ele tira foto só de um pedaço e você tem que ir lá depois para ver o que está acontecendo. Então, eu gostaria de ir depois, realmente, como você falou que tem projetos aí que a gente poderia fazer parceria, eu já fiz essa parceria com a secretaria daqui, não, desculpa, com a subprefeitura de Pinheiros, já doamos mais de 1.500 mudas, doamos e plantamos 1.500 mudas com o pessoal que está fazendo plantios. Eu estava aguardando sempre essa gestão participativa que a gente está, para complementar, porque aqui a gente está querendo somar e tentar coibir esses erros que essas empresas que são contratadas não treinam bem as equipes. Tem uns que parecem, essa da potência, parece que o homem odeia o que estava fazendo, que detonou várias mudas. Então, mais uma vez, eu peço que você me mande o e-mail correto da Carolina, que é para eu enviar para ela. Porque eu mandei, assim, fiz um resumo, como eu falei, fiz um bom resumo, todo o plantio que foi feito, que eu fiquei meses regando, né, foi muito trabalhoso, para depois uma empresa que vem e detona tudo. Também temos as partes de vandalismo, né? Então, é muita coisa jogando contra as árvores, né? O Cardim provavelmente vai falar depois que tem, né, agora o receio das pessoas com árvores, né, porque morreu uma pessoa no ano, porque uma árvore cair, só que eu falo, quantas milhares de pessoas morrem no trânsito por causa de acidente de carros? E ninguém pensa, não, vamos tirar os carros então, porque os carros estão matando, né? Entendeu? Então, tem outras coisas também, mas eu não vou me alongar muito. Depois a gente pode tentar fazer um resumo e te enviar, está bom? Obrigada.

Priscila Cerqueira – Assessora Técnica: Celina, você falou bastante, mas eu vou tentar falar um pouco, comentar um pouco sobre esses pontos aí. Vou iniciar pela atuação da subprefeitura, pelo contrato. Tanto você quanto a Fanny, citaram equipamentos que poderiam ser utilizados e tal, também está prevista uma revisão no termo de referência desses contratos. Mas eu gostaria de lembrar-vos do que eu comentei durante a apresentação, a gestão da arborização, ela é (som ininteligível). Esse é um dos pontos mais sensíveis que nós temos hoje na gestão da arborização. Secretaria do Verbo faz um pacote de tarefas e cada subprefeitura tem autonomia para fazer um pacote de tarefas. Então, a parte de manejo do que está localizado em áreas públicas, toda a execução é atribuição exclusiva de cada subprefeitura. Existe uma padronização nesse serviço? Sim. O contrato prevê os equipamentos, a mão de obra e tal, e é uniforme para cada região. Mas, hoje, ele precisa ser atualizado. Tudo. Todo esse comentário que você fez, todos os pontos que você indicou, eu ressalto, já foi listado no PMAU. Toda essa lista de problemas está bem descrita lá. Então, nós aqui sabemos, e não é só esse diagnóstico, essa lista de problemas não foi construída só pelo olhar dos técnicos da Prefeitura. Na minha apresentação, vocês viram. Todo mundo que chegou aqui e falou, olha, eu acho que está acontecendo alguma coisa lá. Eu acho que isso é o (som ininteligível) aqui. Então, nós absorvemos e está tudo listado lá. Levantamos números, fizemos as análises, fizemos os gráficos. Então, a gente está pensando a solução em cima dos problemas que já foram apontados. É lógico que o seu relato demonstra para a gente que eles ainda continuam acontecendo. E a gente está, como eu falei, reformando a casa, morando nela. Então, precisaria de um tempo e, sim, a atuação de todos. Esse mesmo relato que você traz aqui no Cades tem que ser levado lá para o Cades Regional. A gente precisa reverberar isso. Não só o relato do problema, mas principalmente, olha, para resolver esse problema, é ação fundamental (som ininteligível) precisa implementar a execução e melhorar esse contrato, essa prestação do serviço. Precisa ter uma melhor fiscalização da execução do serviço. Como é que uma equipe vai lá e importa o que foi executado? É muito desperdício de recursos público, certo? Então, o que eu coloco para você é, sabemos os problemas, estamos com a lista de tarefas para resolvê-los, vamos resolver em conjunto com todos, mas vamos ficar atentos. Não dá para a gente ficar, cada vez que esse problema surge de forma maior, a gente ir à mídia e ficar falando, então a cidade precisa de um plano. Já temos. Já temos o plano, eles fazem a revista na lei e nós estamos trabalhando nele. Vamos seguir em frente e isso vai dar certo.

Liliane Neiva Arruda Lima – Coordenadora: Obrigada Celina. Nós vamos encaminhar para você novamente, o e-mail. Vou ver o porquê é que está voltando para você o e-mail. Mas assim, após a nossa reunião, o Sérgio já vai encaminhar para você, está bom? Agora temos a Maria de Fátima, por favor. A Maria de Fátima é a última, (som ininteligível) a apresentação do Cardim.

Maria de Fátima Saharovsky – Macro Reg. Sul 3: Olá, bom dia. Neuza, parabéns pela sua apresentação. Eu sou aqui do Extremo Sul. Desculpa, Priscila. Prazer em falar com você. Priscila, eu sou aqui do Extremo Sul, da Macro Sul 3, Parelheiros e Capela do Socorro. E, assim, nós temos uma atividade intensa voltada à proteção, inclusive, das espécies nativas do bioma da Mata Atlântica. E temos, assim, muitas

dificuldades na proteção e conservação desses biomas que aqui se apresentam. Temos também os mananciais, Billings e Guarapiranga, que eles cumprem os serviços ambientais importantíssimos para a nossa mata atlântica. E temos inúmeros problemas. Quer dizer, é tudo muito frágil. A nossa natureza aqui é fragilizada pela ação antrópica, você sabe disso. E, assim, nós buscamos apoios. Já tentamos, assim, individualmente, particularmente, através das nossas ONGs, né, que temos aqui, várias ONGs ambientais. E acabamos entrando dentro dos conselhos. Os conselhos que seriam os CADES, que seriam as APAS, Bororé Colônia e Capivari Monos, que seriam os cinco parques naturais que temos aqui, as UCs, Unidades de Conservação. E temos as duas RPPNs. Eu estou descrevendo para você pelo fato do volume de pessoas ambientalistas, pessoas interessadas na proteção e conservação dessa nossa área. No entanto, nós temos grandes problemas de interlocução, principalmente se tratando da proteção arbórea e da biodiversidade, que também está integrada a esse tema. E a minha preocupação, agora falando eu, é quanto à proteção do que já existe. Porque o que nós percebemos é que o desmatamento avança e que as pessoas que estão vindo para a região, elas vêm com uma proposta urbana de construir sua casa, impermeabilizar, cortar o mato, e nós estamos perdendo essa riqueza. Então, o primeiro passo nosso aqui da nossa ONG foi fazer um projeto para proteção do que nós temos. Então, um bairro que é tombado pelo patrimônio histórico, o CONPRESP, e solicitamos uma parceria, nem solicitamos que se fizesse, que vocês façam, é solicitando que você, não, uma parceria nossa integrada com uma ação conjunta de recuperação e proteção das espécies arbóreas que nós temos aqui nesse bairro, que é um bairro muito arborizado. Nós temos um parque municipal dentro desse bairro, né? Então, entre nós, nós desenvolvemos uma proposta de se realizar esse projeto de identificar primeiro as árvores, todas que existem, que são muitas, e as árvores que já foram tiradas e que estão, assim, um espaço aberto ali com calçadas. E as praças, nós temos 13 praças aqui. E aí, foi assim uma luta para a gente colocar, nós colocamos na subprefeitura, nós colocamos lá na Secretaria do Verde, como é que chama no setor de árvores? Como é o nome? Desculpa, eu esqueci. Herbário, isso. Vamos até lá, levamos a proposta, mostramos e assim ficou difícil a gente entender para onde ir. Porque primeiro precisa falar com o setor, aquele setor envia para outro e o outro e a gente está perdido aqui até hoje com esse projeto e não conseguimos realizar. E ocorre isso também nas áreas verdes do extremo sul, onde tem os parques também protegidos, mas as franjas estão sendo também. A gente tem as bacias, microbacias, que também as suas APP's têm que ser protegidas, dos riachos, córregos, nascentes. E a gente tem essa dificuldade da proteção e da recuperação disso. É isso que eu coloco para você hoje como a minha grande preocupação.

Priscila Cerqueira – Assessora Técnica: Obrigada, Maria de Fátima, (som ininteligível) tem um pacote de relações para a gente trabalhar para proteger essas áreas. Mas especificamente sobre as suas dificuldades de encaminhamento do projeto para conseguir efetivá-lo, vocês têm a ideia, já desenvolveram, já chegaram a conversar com alguém aqui, foi com base nessa dificuldade, que não é só sua, é de muitas outras ongs, associações e munícipes, até sozinhos que querem desenvolver os seus projetos, na sua rua, no seu bairro, com base nesse problema que nós fizemos um cadastro e o curso de procedimentos. Então, eu tenho meu projeto, está aqui, está escrito, com quem eu falo lá na secretaria? Aliás, eu falo na secretaria ou eu falo na subprefeitura? É isso que a gente apresentou. Então, o projeto precisa ser levado até o CADES regional e o CADES regional vai direcionar para a secretaria. Se for uma pauta de inovação ambiental, uma proposta de educação ambiental, nós vamos destacar alguém e mandar uma pasta que vai acompanhar o seu projeto. Se for algo relacionado à identificação das árvores e vai, a equipe da Divisão de Arborização Urbana ou Herbário vai acompanhar todo o seu pessoal nesse projeto. Eu espero que a sua associação esteja cadastrada e que eu te encontre no dia 24 de maio, lá na UMAPAZ, está bom?
Maria de Fátima Saharovsky – Macro Reg. Sul 3: Não, não está cadastrada. Não está cadastrada.

Priscila Cerqueira – Assessora Técnica: (Som ininteligível).

Liliane Neiva Arruda Lima – Coordenadora: (Som ininteligível).

Flavio Luís Jardim Vital - Macro Reg. Centro-Oeste 2: Um questionamento bem rápido. Eu só precisava de um apoio de vocês, está dentro do assunto que vocês estavam falando assim, da jornada do cidadão dentro da Prefeitura com relação a projetos etc. A Prefeitura tem um aplicativo, um site, um sistema, 156. E nós estamos fazendo um aplicativo para interagir com o aplicativo da Prefeitura em várias ações, inclusive, as questões arbóreas, as questões de zeladoria etc. Eu precisaria de um contato, quem opera o aplicativo da prefeitura para a gente receber a documentação da API do 156. Para a gente especificar o nosso portal para que ele se comunique bem com a API do 156 da prefeitura. Isso é o ponto principal. Os outros tópicos aqui era a questão de ter um relatório de atividades de impacto ambiental da subprefeitura, não um inventário. O inventário a gente tem. Tem um trabalho violento para fazer o inventário. Mas esse

relatório seja de relatórios das atividades e esse relatório seja compartilhado tanto no Cades quanto nos Cades regionais. Quer dizer, formatar uma forma de apresentação de contas das ações que têm um impacto ambiental, dentre elas a questão de poda etc., e que isso seja num formato padrão, que a subprefeitura consiga gerar, e os Cades possam ter essa informação com um modelo de acompanhamento. E basicamente é isso. A questão da jornada, eu já comentei de como é que a gente pode mapear essa jornada, o 156 pode ajudar. É por isso que a gente estava querendo essa sinergia com o departamento que opera a API do 156.

Liliane Neiva Arruda Lima – Coordenadora: Sim. Flávio. (Som ininteligível).

Priscila Cerqueira – Assessora Técnica: Mais uma vez, obrigado a todos pela atenção e a apresentação vai ficar disponível.

Liliane Neiva Arruda Lima – Coordenadora: A apresentação da Priscila e o relatório das diretrizes, mas o do Cardim, nós vamos encaminhar no período da tarde, após às 15 horas. Todas essas três serão encaminhadas ainda hoje. Vai ser encaminhado no e-mail do CADES, o Sérgio e a Neuza, são os responsáveis por isso, encaminhar para vocês. Então, passando agora para o quarto ponto do expediente: A apresentação do Projeto Floresta de Bolso, (som ininteligível) sejam bem-vindos ao CADES Municipal. A palavra está com você.

Ricardo Cardim – Botânico: Bom dia. Obrigado, Liliane. Obrigado pelo convite, o convite do CADES foi trazer um pouco da experiência da Floresta de Bolso que a gente teve ao longo dos anos em que vivemos isso. Bem, aí só para explicar o que a gente faz. Eu tenho um escritório de arquitetura paisagística. A gente hoje tem aí... É um escritório que tem 40 técnicos e 200 projetos em andamento no Brasil inteiro. A gente conseguiu uma experiência bastante interessante em diferentes escalas, em diferentes cidades do Brasil. Aí a minha sócia, que é a Alessandra que é arquiteta. Bem, então essa apresentação sobre a Floresta de Bolso, ela mostra essa experiência que a gente fez aqui nos últimos oito anos. As questões ambientais de São Paulo já vêm de muito longe, de muitas décadas. Então a gente tem essa capa da Revista Veja de 1976, 50 anos atrás, que mostra o cidadão no meio do alagamento, uma máscara contra gases, uma cidade completamente caótica. Enfim, nada diferente do que a gente vive hoje aqui na cidade de São Paulo. E a gente encontrou essa cidade construída no século passado, (som ininteligível), claro, pouquíssimas áreas verdes, tanto nas áreas formais quanto nas informais. E quando a gente olha a mancha urbana da cidade de São Paulo, uma mancha compacta, de concreto, pouquíssimas áreas verdes. Percebe ali embaixo naquela mancha do Jardim Botânico de São Paulo, (som ininteligível). E a gente compara com a cidade de Berlim, que é uma cidade também que não é grande nem em São Paulo, mas também não é pequena, tem 6 milhões de pessoas. A gente percebe aqui o verde entra dentro da cidade de Berlim, criando uma harmonia entre vegetação e área construída, área impermeabilizada. Bem diferente de cidades de São Paulo, onde a gente vê uma área (som ininteligível). E, claro, isso reflete, em ilhas de calor severas na cidade. A gente vê os arredores da cidade, zonas escuras azuis, onde a gente tem zona mais fria ainda, com vegetação, e as áreas quentes em vermelho e amarelo. E hoje a gente fala de dois tipos de mudanças climáticas. Uma que todo mundo sabe, que a mídia fala direto, que é a questão da mudança climática global, relacionada com os gases de efeito de estufa, e que a gente vem pouca participação nisso em termos de poder, porque depende de países, depende de políticas mundiais, algo muito complexo. Mas tem a mudança climática regional, que vem acontecendo já há décadas na cidade de São Paulo, devido ao excesso de (som ininteligível), falta de áreas verdes. Então a gente deixou de ser a terra da garoa dos anos 70 para nos transformar, nos últimos 40 anos, na cidade das tempestades, onde os eventos climáticos extremos estão cada vez mais comuns e que, por exemplo, nesse último verão, a gente teve três eventos climáticos extremos que levou a cidade a entrar em colapso. E o que a ciência vem mostrando é que esses eventos climáticos extremos vão cada vez se tornar mais consecutivos. Então, pode ser que logo a gente chegue a ter três semanas com três tempestades consecutivas, o que vai levar a cidade ao caos, pela falta de energia para refrigeração de alimentos, bombeamento de água, enfim, para o funcionamento da cidade. Então, hoje a gente está com a mudança climática regional como uma escolha, porque a gente não tem investimentos que, na minha opinião, deveria ser da ordem de milhões de obras, de bilhões de reais, para a gente conseguir refazer a cidade com todos esses problemas acumulados do último século. Uma coisa muito importante a gente entendeu nos últimos anos. Esse é um mapa científico que mostra a diversidade de plantas nativas nos locais. Então, a gente olha aqui o mapa mundi e a gente vê que quanto mais quente a cor, quanto mais vermelho escuro, maior a quantidade de plantas nativas daquela região. A gente percebe que a África tem pouca cor, a Hemisfério Norte não tem quase nada vermelho, mas tem um pouquinho de vermelho ali na Sudeste Asiático, não tem nada vermelho na Amazônia, tem um pouquinho nos Andes, na

América Central, e onde que está a maior concentração de plantas nativas no nosso país? Justamente entre as duas maiores capitais, São Paulo e Rio de Janeiro, que é onde está aquela seta. Isso mostra a responsabilidade do território herdado aqui nesse país. Essa é um mapa que fiz para a (som ininteligível) uns anos atrás, que mostra a paisagem ancestral de São Paulo. São Paulo não era só Mata Atlântica, como muitas ongs falam. São Paulo era um mosaico de vegetações diferentes, como Mata Atlântica (som ininteligível) os Campos Serrados, que deram nome a cidade de Campos de Piratininga, os bosques de Araucária, as várzeas, os alagados que eles tinham. Então, isso aqui era um local extraordinário a biodiversidade. Não é à toa que os povos originários viviam aqui, com tamanha produtividade. Mas, mesmo com toda essa riqueza única no planeta, 90% do que eles tinham nas cidades, hoje, não estava aqui antes da dita civilização. E a gente tem essa riqueza incrível, né? É apenas mil metros quadrados de mata atlântica que a gente pode ter 144 espécies diferenciadas. Enquanto na Europa, somente 0,5% das florestas existentes têm mais de seis espécies diferentes. Então é algo completamente assimétrico. Quando você compara essa foto da esquerda de uma floresta degradada, secundária (som ininteligível) de São Paulo, e uma floresta nacional da (som ininteligível), que não tem diversidade nenhuma comparado às duas. Então, como que a gente traz de novo para a cidade essas espécies que existiam nesse território há centenas de milhares de anos, traz de volta as frutas nativas num país que onde das 20 frutas mais produzidas, só duas são nativas, que é a maracujá e o abacaxi. Todo o resto, ninguém sabe que existe, né? O cambuci, as pessoas juram que é um bairro, mas o único que ninguém imagina que isso é o cambuci, uma fruta comum, que ocorria principalmente no planalto paulistano. E uma coisa muito importante que a ciência vem mostrando cada vez mais, a importância da biodiversidade nativa. Eu ouço muito no meu escritório, Ah, Ricardo, você vai fazer um projeto de paisagismo com biodiversidade nativa, com plantas nativas? Isso não vai atrair dengue? Isso não vai trazer doença para a minha família? E aí traz um trabalho no ano passado que mostra justamente o contrário, que o mosquito da dengue, responsável por muitas mortes, ele lhe dá mal para a biodiversidade brasileira. E quando a gente tem biodiversidade brasileira, a gente tem menos mosquito da dengue. Imagine se ao invés de 90% de plantas estrangeiras nas cidades brasileiras, a gente tivesse 90% de plantas nativas regionais nas cidades brasileiras. Como a gente poderia ter menos mortes por ter menos mosquitos e um misto mais difícil para eles. Bem, então vamos falar da floresta de Bolso. A floresta de Bolso é uma ação que se desenvolveu na escala privada e pública quando foi possível. E o que é isso? Quem já entrou em uma mata atlântica jovem, já viu que (som ininteligível) de mata atlântica é muito adensada. Você tem que entrar em uma mata atlântica jovem com um facão, porque você engancha em tudo. A ciência mostra uma média de seis a oito plantas (som ininteligível) por metro quadrado em uma mata atlântica jovem. Então, a natureza criou essa nossa crítica, onde existem muitas árvores em pouco espaço. Se você olha, por exemplo, pequenos enclaves florestais em cima de rochas, como aí no Morro do Pão de Açúcar, no Rio de Janeiro, você vê que essas florestas vivem em ilhas, em miniaturas, mesmo numa situação tão hostil, como esse monte de pedra que poderia significar até o concreto da cidade, de uma forma milenar e que resiste a ventos, resiste a diferentes situações de estresse etc. Mas como que é feito hoje a restauração florestal no país? A gente continua plantando florestas do mesmo modo que o IPBF, Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal dos anos 70, da época militar, preconizava. É o sistema de (som ininteligível) tradicional. Você vai ter três metros por dois entre cada muda, dois metros por dois no mínimo, e aí você faz (som ininteligível) para ter uma mecanização melhor. A proposta que a gente coloca aqui é uma proposta muito mais parecida com a dinâmica natural de evolução da mata atlântica, onde você tem essa competição entre os indivíduos lenhosos, que vai gerar uma cooperação também, como a gente tem percebido na prática, em várias situações. Então há um sistema convencional 3x2 e linha, e o sistema da floresta de bolso tem uma densidade muito maior, com ela espalhada de forma muito mais orgânica. Então aqui também uma vista de uma floresta de bolso que a gente fez em Pinheiros com esse espaçamento das mudas. E aí mostrando os resultados. Aí é o telhado de um antigo escritório aqui em São Paulo, quando tinha os telhados verdes, onde eu fiz o plantio nesse adensamento de uma árvore por metro quadrado. Depois eu vou mostrar o porquê da composição e oito meses depois do plantio. Então, olha o ganho de biomassa vegetal, o ganho de volume e, lógico, os serviços ecossistêmicos que estão comitentes. Se você olhar à esquerda, a gente tem o jacarandá paulista, à direita a gente tem um (som ininteligível). Mas dá para você comparar nas duas fotos o ganho de biomassa em oito meses. Aqui em áreas rurais também é o mesmo mecanismo. Esse é um piloto que a gente fez para uma empresa de urbanismo em Ribeirão Preto. Aqui com mudas de baixa qualidade, mudas de R$ 1,50, mudinhas de (som ininteligível), muitas velhas, inclusive, não tinham melhores. E olha depois de 10 meses o ganho de biomassa vegetal. Então você tinha ali a árvore, mudas minúsculas de 40 centímetros em 10 vezes ela consegue sombrear todo o solo. E foi feito um controle com um sistema tradicional de 3x2 na

frente ali, que praticamente não cresceu, porque o credor tendia a ver com o parâmetro. O que acontece é que hoje o sistema de restauração florestal, que tem esse grande espaçamento, ele favorece, na verdade, a invasão biológica. Ele favorece as gramíneas, que tem uma fotossíntese muito mais forte do que as árvores da Mata Atlântica. Na fisiologia vegetal, a gente tem a fotossíntese C3 e C4. C3 é uma fotossíntese, diremos assim, mais fraca do que a fotossíntese C4 das gramíneas, que é muito mais agressiva. Aguenta calor, aguenta situações muito mais estressantes, falta de água, do que as plantas nativas. Quer dizer, que as plantas de árvores, né? Então, aí o que acontece? Quando você coloca as árvores (som ininteligível), você promove um ambiente muito favorável para a capim braquiária, capim colonial, para essas plantas que vão afogar e gerar uma manutenção enorme nessa restauração florestal. E que espécies que a gente usa nessas florestas de bolso? As espécies nativas regionais, que existiam nesse território há milhares e milhares de anos. A Mata Atlântica tem milhões de anos, por exemplo, como essa imagem (som ininteligível). E a gente trabalha usando também o que tem de melhor da ciência nesse sentido. Então, eu gosto muito do trabalho do Ricardo Rodrigues e Equipe, lá do Esalq, porque ele fala da diversidade e recobrimento. Você usa um grupo de espécies que vai criar a diversidade futura e você usa outro grupo menor de espécies que promove uma rápida biomassa e recobrimento. Só que são algumas espécies nativas que são avaliadas da região para ter esse caráter de recobrimento. A outra questão são as mudas. Pode usar desde muda de (som ininteligível), como eu falei, até muda grande. Mas o que a gente tem percebido como grande resultado são mudas de um tamanho de um metro ou um metro e meio e que são produzidas com qualidade. Nesse caso foi feita (som ininteligível). Ele cresce, formando uma grande cabeleira, que aí você consegue ter uma capacidade de nutrição e a e (som ininteligível) da raiz enorme e a planta cresce muito em pouco espaço e dificilmente ela morre depois num ambiente hostil como a cidade de São Paulo. E dá para fazer a partir de 15 metros quadrados essas florestas de bolso de mata atlântica. Essa aí é uma escola em São Paulo, num corredor que tem 3 metros e meio de largura por 10 de comprimento. Isso aí virou o laboratório de mata atlântica da escola. E a manutenção é mínima. Então, as florestas de bolso de São Paulo, foram 17 em áreas públicas, elas mostraram total ausência de necessidade de manutenção. Mesmo plantando na época seca. Elas cresceram sozinhas, como a natureza cresce sozinha num morro recém-desmatado ou cortado por um linhão, por exemplo. Aí é com 11 meses na região de Pinheiros, na Paes Leme. E quando a gente fazia a floresta de bolso nas áreas públicas, que aí foi um trabalho coletivo, junto ao ambientalista Nick Sabei, ao arquiteto Sérgio Fontana do Reis e outros parceiros, a gente propôs criar palestras. Então, a primeira que a gente fez foi na Vila Olímpia junto com o CADES de Pinheiros, a gente fez uma palestra que surpreendeu, porque a lotação foi máxima, as pessoas super interessados em entender como elas poderiam trazer de volta uma mata atlântica. A segunda, a gente já fez no auditório do Vila Lobos, também lotou esse auditório. Então, foi muito interessante, realmente, ver o entusiasmo da população paulistana com relação ao tema, a aderência das pessoas. E aí, esses mutirões voluntários que a gente começa em março de 2016, a duas cenas, tanto para a parte burocrática, de organizações, quanto a parte de recursos, sempre feito com recursos privados, de doação, eles chamaram até 600 pessoas por evento. Então aqui, por exemplo, o que a gente fez no Vila Lobos, teve 600 pessoas com chamadas simples, pelo Instagram, pelo Facebook, orgânica, sem pagar nada. E aí o convite que as pessoas fazem convites para a gente. Então, a gente avisava na rede social que ia ter um plantio de floresta de bolso, de repente, um artista lançava na rede um convite, como esse artista, que eu nem conheço pessoalmente, mas ele fez isso e tiveram outras situações parecidas. Junto com o plantio das mulas, eles também promovem a agrofloresta. Então, a gente plantava abóbora, plantava milho, plantava tomate. Essas espécies que são muito rústicas e que as pessoas desconhecem de ver a flor, ver o ciclo desses alimentos. A gente via muita gente da terceira idade acompanhando esses alimentos, somente ali em Pinheiros isso acontecia muito, e muitas crianças maravilhadas como, por exemplo, com coisas que são prosaicas, mas hoje não são mais, como o cabelo do milho. Teve uma criança que veio para mim e falou, nossa, o que é isso? Eu nunca vi isso em cima do milho. Eu não sabia que tinha cabelo no milho. Então, são ferramentas muito importantes de educação ambiental, sensibilização da população. Bem, agora eu vou mostrar alguns cases que a gente fez, tanto na escala privada quanto pública, desse sistema de restauração de mata atlântica que chamamos floresta de bolso. Essa foi a primeira que eu fiz, foi numa multinacional Basf, uma casa que eles tinham um modelo de sustentabilidade ali no Brooklyn Velho, e a gente recebeu um terreno completamente entulhado, era uma antiga várzea no Ribeirão do Cordeiro, ali no Brooklyn, tinha cinco metros de lixo, tanto que a água não descia. E aí a gente plantou desse mesmo jeito, com essa técnica. Em três anos e meio, isso se virou uma floresta, como vocês podem ver ali do lado. Tem duas pessoas fazendo a escala dessa floresta. Dá para ver no Google antes do crescimento disso. Isso me surpreendeu, porque eu não imaginava que isso fosse crescer com tamanha força, em um ambiente tão

hostil como esse, com uma condição tão ruim. E cresceu assim de uma forma realmente surpreendente. Aqui você pode dar play, por favor? Não sei se tem áudio aqui no vídeo. Tem áudio ou não? Pode colocar áudio, por gentileza. Está sem áudio, mas está mostrando a floresta, uma floresta jovem, com Serrapilheira no chão, e ela está com o telhado do edifício Citibank da Avenida Paulista. mostrando que é possível a gente trazer ecossistemas muito parecidos com os originais em situações urbanas. Então, olha só a referência, tem 15 centímetros de substrato, um substrato especial, o enraizamento, como ocorre nesses murros de pedra da Serra do Mar, que eu mostrei ali no Rio de Janeiro, no Pão de Açúcar, e olha lá, a gente está no teto do Citibank da Paulista. Olha como ficou essa floresta. Ela chegou a 8 metros de altura e 15 centímetros de espessura. As raízes formando uma grande teia que uma planta segura a outra. Da mesma forma que elas se seguram na frente do oceano, na Serra do mar. Isto é uma marca de serviços ambientais (som ininteligível) segurar água na chuva. Então, são ferramentas totalmente possíveis de serem colocadas onde a gente quiser. Esse é o edifício mais recente que a gente participou com esse tipo de técnica. É o edifício Salam Tower, que fica na Faria Lima, com a Horácio (som ininteligível). Esse prédio tem uma mata atlântica, uma restauração de mata atlântica em cada andar. São 150 metros quadrados de mata atlântica por andar em espiral por todo o edifício. Se a gente tomar todas as manchas de mata atlântica restaurada, a gente verá quase o tamanho do terreno. Ele foi restaurado desde a erva de maranta pequenininha até as árvores frutíferas da mata atlântica, palmito-juçara, criando já os estratos florestais na entrega para maiores serviços ambientais. Mas isso é principalmente uma máquina, eu acho, de sensibilização para que a população, principalmente a elite, compreenda a importância e a sofisticação que é você ter a mata atlântica convivendo numa cidade, num país que 90% das plantas são estrangeiras. Esse foi o primeiro projeto que a gente fez com o Mata Atlântica em Fachada, o Edifício Cid, na (som ininteligível). Foi um projeto que a gente colocou o Palmito-juçara em toda a fachada, tanto na face norte quanto na face sul. E aí é impressionante ver como as plantas nativas têm uma caixa de ferramenta genética muito interessante, porque elas estão aqui há centenas de milhares de anos, em épocas mais secas, mais úmidas, mais frias, mais quentes. E elas têm essa caixa de ferramenta que conseguem lidar com a cidade. O Palmito-juçara, surpreendentemente, sobreviveu muito bem à fachada (som ininteligível). Esse é um projeto muito interessante, é uma praça público-privada do Brooklyn, uma praça pública que tem 10 mil metros quadrados. E ela fica no empreendimento que chamou o Parque Gamaro. É um projeto de 38 mil metros quadrados na frente do shopping (som ininteligível). Então essa praça pública fica grande parte em cima de cinco pavimentos de garagem. Aí foi feita uma colocação de terra de 80 centímetros a um metro e tem uma área permeável obrigatória, graças a essa lei que é maravilhosa, essa lei da permeabilidade obrigatória. Aí a gente propôs para o empreendedor que a gente criasse ali uma paisagem arqueológica da cidade de São Paulo, um riozinho de serra do mar antigo e a floresta de bolso. Então, a terra é espalhada, aí tem as mudas que foram usadas, foram daquele pote que vocês estão vendo, tem um torrãozinho com plástico, mudas de um metro e meio, custam 60 reais cada muda. A gente colocou isso na composição em densidade e olha como ela cresceu de setembro a abril. Olha o enchimento dessa floresta, a rapidez da biomassa vegetal e dos serviços que você tem. Claro que as palmeiras vieram grandes já, mas a parte de árvores foi esse tamanho. E aí a gente entrega um projeto. Isso é uma entrega em julho de 2023. A gente recriou esse riozinho de Mata Atlântica com recirculação de água e peixes nativos. Embaixo tem um lago. E isso está aberto ao público. Qualquer pessoa pode ver um riozinho, claro, que recria um rio de Mata Atlântica, (som ininteligível). Quem quiser visitar, é só chegar lá no Parque da Gamaro, no Brooklyn, que você consegue acessar. O parque está muito maior. As árvores já estão bem maiores, bem mais biomassa. Isso, como eu disse, foi na entrega do empreendimento. Aqui algumas florestas de bolso públicas que a gente fez, né? Esse também é trabalho coletivo, não é só meu, (som ininteligível) o plantio em mutirão, vieram umas 300 pessoas na ocasião. E como está isso aí, três anos depois? Então, olha a formação dessa floresta, olha a capacidade de sombra, o embelezamento desse local e manutenção zero, porque a gente não cuida de nada, a gente não tem como cuidar disso. A gente entrega isso e aí é com a natureza que vai embora. Aqui na beira do Rio Pinheiros também, que a gente conseguiu um patrocínio da Telefônica Vivo para 18 mil árvores. Infelizmente, a burocracia governamental vetou e a gente só conseguiu plantar 1.500 árvores, mas olha como ficaram essas 1.500 árvores. Aqui é a margem do Rio Pinheiros, na frente da estação CPTM Pinheiros e ali, é na frente da ponte de (som ininteligível). Olha a exploração da mata em três anos. Então é possível a gente conseguir de novo fazer isso. A ideia original desse projeto era a gente criar bolsões de floresta de bolso, entremeados por áreas abertas, para as pessoas continuarem vendo o rio e continuarem vendo a mata atlântica que um dia existiu naquele local, com várias frutas nativas, como cambuci etc., que estão frutificando hoje, inclusive, lá. Hoje, infelizmente, a gente tem uma grande (som ininteligível) de jardim nas outras áreas, que não foram plantados. (Som

ininteligível) muito bacana da população ali perto, na Marginal também, a área aqui foi a Century, uma empresa que patrocinou. Então, era uma área que tinha um motel no passado. Eu morei nessa rua, minha adolescência inteira. O motel estava enterrado, impossível. A gente tirou caminhões de lixo daí. E aí, plantamos uma floresta de bolso em mutirão voluntário. Três anos depois, o prédio atrás mostra a diferença, na escala, olha o sombreamento e tem uma família entrando. É muito interessante você ir de domingo lá e ver como as crianças entram na floresta de bolso, como elas brincam lá dentro. Porque isso remete à nossa essência evolutiva ancestral de 300 mil anos, como homo sapiens. Nesse contato com a natureza mais real e menos ornamental, assim por dizer. Essa é a última floresta de bolso que a gente conseguiu fazer. Foi em dezembro de 2023, com o apoio da Secretaria das Subprefeituras e da Heineken. A gente percebeu que em São Paulo não adianta fazer floresta de bolso plantando em buracos, como sempre se faz, abertos com cavadeira. É necessário quebrar todo o solo em um metro de profundidade, porque é um Tecnosolo, com camadas de lixo, entulhos e materiais completamente incompatíveis com o crescimento vegetal. Então a gente tem feito esse trabalho de pegar uma retroescavadeira grande ou duas, como nesse caso, e quebrar todo o solo em um metro de profundidade, tirando entulhos, jogando, mandando embora para ter e adicionando material orgânico. Aí depois de trabalhar nessa área, essa área fica no marginal Tietê, num lugar muito hostil. Olha como o solo está preparado, parece um solo para plantar milho. Aí as mudas chegaram, então mudas sempre de qualidade, mas não caras, são mudas de R$70,00. Aí o plantio feito em mutirão voluntário, tanto com os colaboradores da Heineken, como da minha equipe de escritório. Aí quando a gente terminou, isso foi entregue. Eu não consegui a palha para cobrir, não achei palha de (som ininteligível) em lugar nenhum para cobrir o solo, mas a gente deixou assim mesmo, aquela época era de chuva, então as nuvens bacanas aí. E passado um ano. E um ano depois, um ano depois sombreou todo o solo. Então você protegeu todo o solo e criou o microclima florestal que vai garantir menos manutenção. Essa floresta de bolso eu acho que é o case mais interessante. Por quê? Porque é um local de extremo fluxo de pessoas. Eles estavam em Pinheiros, entre a Rua Paes Leme, atrás da igreja de Montserrat, do Largo da Batata, entre a Rua Padre Carvalho e a Rua Butantã. É uma área que sobrou da remodelação do Largo da Batata nos anos 2010. Ela foi entregue desse jeito. Era uma área com grama esmeralda chinesa, invasora, e só tinha isso. E aí, com o trabalho coletivo, também com (som ininteligível) a gente encontrou uma área cheia de lixo, muita grama esmeralda (som ininteligível). Bem, quando a gente conseguiu a autorização da Subprefeitura de Pinheiros para trabalhar nessa área, a gente colocou uma máquina, porque a gente viu que o solo era um solo extremamente inadequado. Mas olha só como é a realidade de muitos lugares que a gente encontra plantando árvore na cidade de São Paulo. Pode colocar o play para a gente ver? Olha a máquina operando. Olha o que era esse solo. Na verdade, era uma pseud. praça. O que existia era uma camada de terra de empréstimo de obra, com placa de grama esmeralda, toda enfezada também, e embaixo tinha uma paçoca de concreto e asfalto de 15 centímetros de espessura. A gente quebrou isso, pode passar, e encontramos a terra preta original do Rio Pinheiros, o solo turfoso muito fértil dessa região das antigas várzeas do Rio. Aí a gente fez um plantio também, num mutirão voluntário, chamando as pessoas pela internet. Olha que legal essa cena de um lugar que era só lixo, de repente crianças correndo descalças num domingo de manhã. Isso é esperança de uma cidade onde as pessoas voltem a conviver com a natureza, por mais dura que seja essa cidade herdada nossa. Aí as pessoas plantando, pessoas de todos os lugares da cidade, tinha morador de rua, tinha o homem que tinha doutorado em Harvard plantando. Então, uma coisa muito plural, muito bacana, uma energia muito bacana esses dias de plantio. Teve também coletivos que fizeram oficina de placa para as crianças, então as crianças plantaram placas para as árvores, tenha carinho, cuide do verde. Uma coisa também que eu percebi que isso zera o vandalismo. A gente não teve caso de vandalismo em nenhuma floresta de bolso. Porque até o homem que é mais bandido, quando olha essa plaquinha, tenha carinho, eu acho que não tem coragem de fazer isso. E a gente percebeu isso, que a gente não perde uma muda na floresta de bolso por vandalismo. Aí, seis meses depois, ver a agrofloresta junto com as mudas, eu e o Nick, olha a disponibilidade de recursos para polinizadores, dispersores. Isso é um pouco de biodiversidade no meio da malha urbana hostil. O crescimento em três anos. Então, recém-plantado, três anos depois, aí teve a doação de um empresário que o Grupo Iguatemi que doou o imobiliário e a cerquinha para não jogarem mais lixo aí em nada. Aqui também, isso em três anos, olha o sombreamento, olha a capacidade de diminuição de temperatura disso, de comunicação do lençol freático com a atmosfera, levando aquelas sementes de chuva, a diminuição da temperatura, segurando a poeira que causa morte, segundo os trabalhos do professor Paulo Saldiva. Então, o antes e o depois em três anos, comparando o que era e que ficou. Pode passar. E aí uma vista aérea da floresta também com três anos. Olha só a exuberância dessa floresta em um local tão hostil para a biodiversidade nativa, para a vegetação

como um todo. Pode passar. E o mais legal é que a gente vê a natureza aprovando a ideia. O ISO 9000 tem que vir da natureza. Então, a gente fez uma floresta de bolso dessa, um empreendimento no meio do Brás, um empreendimento de mil apartamentos que chama (som ininteligível), e aí depois de alguns anos eu recebi esse Instagram de uma pessoa e ela falando que tinha um casal de jacu morando no meio do empreendimento que ficava comendo o palmito-juçara. Então, você imagina se a cidade tivesse florestas de bolso com uma política pública se apropriando de pequenos terrenos, colocando isso em parque do Ibirapuera, colocando isso em canteiro central, criando essas redes de biodiversidade como uma grande rede neural na cidade, como a gente teria uma cidade muito mais resiliente, amiga da biodiversidade e capaz de regular o clima. É isso, gente. Obrigado pela atenção.

Liliane Neiva Arruda Lima – Coordenadora: Obrigada Ricardo Cardim, a sua apresentação foi excelente, bem explicado, que contribuiu com as explicações. Eu gostaria de agradecer, (som ininteligível). Hoje ele se encontra em Brasília, com a quinta conferência no meio ambiente. Está representando a cidade de São Paulo, (som ininteligível). Vamos começar então com as perguntas. Não sei se a Priscila quer começar com perguntas. E primeiro eu passo para o Sr. Romano. Primeiro a gente vai passar por agora o presencial e depois a gente passa para o online. Porque a gente tem a parte online também. Então, a gente passa primeiro para o Romano e depois para a parte online.

Marcos Antônio Santos Romano – SEHAB: Parabéns pelo seu trabalho. É importante dizer que é possível, não é? Quando a gente fala, não, São Paulo não pode, é só prédio, não é? Aquele caso de Pinheiros, eu moro em Pinheiros, costumo, toda vez que passo lá, lembrar de que é possível acontecer, ali ao lado da igreja (som ininteligível). E a minha pergunta é, e talvez a resposta seja nas próprias fotos, a contaminação do solo não atrapalhou a floresta. Porque às vezes tem esse estigma, não, aqui é posto de combustível, demora 20 anos para descontaminar, então não pode fazer nada. Isso é uma das provas.

Ricardo Cardim – Botânico: Segundo a Associação Prefeitura de Pinheiros, na época, houve uma descontaminação pelas empreiteiras que fizeram aquela área. Só que a gente encontrou um solo que tinha cheiro de gasolina, tinha cheiro de óleo. E isso é muito interessante. A (som ininteligível) da vegetação nativa é muito maior do que a gente imagina. Então, mesmo espécies que a gente vê que são muito delicadas, como o Jequitibá (som ininteligível) crescendo bem ali.

Marcos Antônio Santos Romano – SEHAB: Eu vou trabalhar na Secretaria de Infraestrutura (som ininteligível). Parabéns pelo trabalho maravilhoso e grande exemplo de que São Paulo, ainda é possível.

Liliane Neiva Arruda Lima – Coordenadora: Obrigada. Então, na parte presencial, encerramos. Agora, temos a parte online. Antes de eu passar para a Fanny, José Ramos, a Celina, eu queria passar primeiro para quem trouxe aqui hoje o Cardim, que é o nosso conselheiro Albanese. Hoje ele está aqui na parte online. E temos o diretor do Departamento do Meio Ambiente, o Pedro Carvalho, que está aqui junto com o Cardim na parte presencial. Seja muito bem-vindo, quero te agradecer pela sua apresentação hoje aqui junto com o Cardim. Então, eu passo a primeira palavra para uma saudação ao Albanese. Por favor, Albanese.

Mario Luís Fernandes Albanese – SIMPI: Poxa vida, hein, Ricardo? Que maravilha, hein? Que êxito aí no processo. Parabéns, viu? Eu fico muito feliz em poder trazer essa oportunidade aqui para o Cades, para que nós possamos estar em parceria com a Prefeitura Municipal de São Paulo, fazendo essas políticas públicas que você sugeriu, para que possamos alcançar realmente o objetivo, que é esse, trazer de volta essa floresta nativa para dentro da cidade de São Paulo. E eu fico muito contente com tanta dedicação e com tanta inteligência ambiental que te levou a realizar isso com tanto êxito. Eu agradeço muito sua presença aqui, agradeço ao Cades, ao prefeito, ao secretário Rodrigo, ao subsecretário Carlos, para que nós possamos ter essa oportunidade de estar trazendo essa condição para a Prefeitura do município de São Paulo. Muito obrigado.

Ricardo Cardim – Botânico: Eu que agradeço. A ideia de ter vindo aqui hoje é justamente se colocar a disposição da Secretaria do Verde para trazer essa experiência bem-sucedida da Restauração Florestal em São Paulo, para a Priscila, o que vocês precisarem. Nós estamos à disposição nesse sentido de poder colaborar e contribuir com a restauração da Mata Atlântica.

Liliane Neiva Arruda Lima – Coordenadora: Fanny, por favor.

Fanny Elisabete Moore – Macro Reg. Sul 2: Nossa, hoje está um dia muito especial porque falamos muito de arborização. Obrigada, Ricardo, um imenso prazer te ouvir e, acima de tudo, ouvir as possibilidades

exitosas, diversificadas e colaborativas entre a iniciativa privada, a população da cidade e o poder público, que isso é o que mais nos falta. Às vezes a gente fica emperrado, isso é o que eu sinto como alguém que veio do CADES, de conselho de parques, a gente fica emperrado no trâmite e não consegue sair. Por exemplo, as praças deveriam ter um conselho de praça que deveria ajudar a gente a localizar, a cuidar, mas a gente não consegue implantar. Então, assim, eu acho que você mostra para a gente que existem canais e que não que a gente deva desfazer dos canais públicos, mas que eles têm que ser associados e dinamizados, porque é isso que você mostra. E, acima de tudo, o grifo na questão dos exemplares da Mata Atlântica, outra concepção de plantio, o plantio próximo, o plantio diversificado e o plantio resistente, que não nos traz o problema já aqui apresentado hoje de perda de exemplares que morreram pela maneira como foram plantados e cuidados. E, acima de tudo, uma coisa da economia, do não necessita manutenção. A floresta vai por si mesma. Se a gente conseguir plantar num bom solo, uma boa muda, ela vai por si mesma. Então, assim, Ricardo, você poderia nos dar, para o pessoal dos Cades Regionais, que é quem está no território, pelo menos duas sugestões de encaminhamento efetivo? Como a gente pode fazer uma floresta de bolso no nosso território? Qual o primeiro passo? Por favor. Obrigada.

Ricardo Cardim – Botânico: Eu agradeço. Hoje, na verdade, a maior dificuldade que a gente tem é justamente com a autorização do poder público para a nova floresta. A gente tem, inclusive, muitos patrocinadores, tem uma fila de patrocinadores que quer fazer isso, pessoas que querem participar, (som ininteligível) incontáveis pedidos de cidadãos querendo plantar floresta. Quando vai ser a próxima? Quando vai ser a próxima, infelizmente ainda descompasso com relação a novas áreas e autorizações. Então, vocês conseguindo uma autorização para fazer a floresta de bolso, a gente se coloca à disposição para ajudar e colaborar nesse sentido. Como eu disse, a gente tem doadores, pessoas físicas, pessoas jurídicas para fazer essas florestas. Hoje, eu acredito, se a gente chamar pelas redes sociais as pessoas para participar da floresta de bolso, a gente vai ter provavelmente milhares de participantes. Então, como falei, nos colocamos totalmente à disposição para fazer mais. A gente tem tudo aqui e, realmente, a gente não consegue essa questão ainda das autorizações com muita facilidade.

Fanny Elisabete Moore – Macro Reg. Sul 2: Liliane, posso fazer uma complementação? Será que nesse encontro que Priscila vai fazer com as entidades cadastradas, a gente não podia ter essa discussão sobre a possibilidade das florestas de bolso? Lá tem entidades de várias localidades, eu vi o cadastro, então, a Priscila está presente. Se, de repente, a gente não podia considerar essa questão, eu acho que a gente já daria um primeiro passo na direção dessa integração que é tão necessária. Obrigada.

Priscila Cerqueira – Assessora Técnica: (Som ininteligível) mas também precisamos discriminar outras modalidades relacionadas à manutenção, ao cuidado, ao cadastramento, a manutenção ambiental. Então, nós vamos tentar trabalhar essas modalidades. Podemos, sim, levar essa discussão, mas já adianto que existe uma divergência técnica relacionada ao cultivo adensado. A gente vai ter a presença de outro técnico, claro, no dia, justamente para levar essas informações técnicas para vocês.

Liliane Neiva Arruda Lima – Coordenadora: Obrigada Priscila. Passamos agora para o Sr. José Ramos, depois para a Celina, e a gente vai terminar aqui com a Delaine, (som ininteligível) vai falar com vocês sobre a assembleia do CADES municipal.

José Ramos de Carvalho – Macro Reg. Norte 2: Alô, bom dia a todos. Estão me ouvindo? É que eu estou no meio da rua aqui. Então, o que eu queria destacar é que em dois meses da Comissão Permanente, Comissão Especial Permanente de Mudanças Climáticas, trouxemos pessoas que realmente fazem a diferença. A primeira, a Camilla Lorenz, sobre as questões de saúde decorrente de mudanças climáticas e agora a presença do Cardim. Na verdade, o Cardim colocou algumas coisas, como sou gestor ambiental e represento a classe também, Cardim, e agradecer, sem dúvida nenhuma, ao Albanese pela oportunidade do contato e da sua participação. Uma das coisas que você comenta, e aí de novo a comissão conseguiu ser proativa, visto que a primeira base que nós pedimos quando da discussão foi justamente a revitalização da nossa malha de estações meteorológicas, Cardim, quando você fala de pertencimento. Então, se nós temos 32 estações meteorológicas e em São Paulo só temos funcionando por completo 60%, significa que a gente tem que buscar esse ciclo de ilhas e calor, que está muito mais próximo, né, os CADES, dentro desse sentido. Uma outra coisa que você menciona, essa mudança climática regional é exatamente essa questão que a gente quer difundir junto dos CADES regionais, para que eles tenham essa identidade, não só a identidade e ter conhecimento básico do que acontece na sua região, mas também da possibilidade da floresta de bolso e de outras questões que também vamos apresentar nessa comissão especial. Uma outra, e eu gosto muito, e aí eu enxergo a arquitetura de modo diferente, eu estava vendo-a muito rancorosa. E aí

eu até escrevi aqui uma linha de arquitetura proativa, que ela participa, que ela integra com as nossas regiões, nessas particularidades, que eu digo que é do pertencimento que você tão aflorou na sua apresentação. Você estava sempre dentro de pinheiros, mas isso a gente pode ir revertendo para as outras regiões também de grande importância. Uma outra questão que você colocou é da lei da permeabilidade. Isso realmente a gente tem que ficar muito atento porque a gente está vendo a cidade, eu que ando muito pela cidade, eu estou vendo áreas altas sendo impermeáveis e na área baixa também igualmente. E a gente não estamos realizando trabalhos assim de poder segurar esse volume de águas na questão de inundação e especialmente as florestas, sem dúvida, faria essa função com muita qualidade e com muito desejo forte de estar participativo. Uma outra questão que eu observei na apresentação, o sombreamento. Por diversas vezes a gente nota, a gente comenta aqui, Cardim, e isso eu tenho que me colocar para você vivamente nesta questão do pertencimento, a influência do asfalto como ilha de calor. A gente esteve fazendo algumas pesquisas, inclusive, na nossa própria região, quando o asfalto atinge 50 graus de temperatura e quando você levanta 3 metros com uma borda das árvores, em torno de 5 metros, ele cai 1 ou 2 graus apenas. Então, essa troca de calor orgânica é extremamente essencial. Eu acho que se a gente instalar florestas e uma boa arborização, que até temos o PMAU, para reduzir a interferência no asfalto que hoje é essencialmente muito grande e gera aquilo que você comentou, tempestades sequenciais para a gente por conta de a cidade estar numa temperatura agressiva. Inclusive, agora no mês de maio, Cardim, tem um índice que foram comentados para nós de umidade relativa do ar próximo a 11% na cidade de São Paulo, imagina, nós estamos a 8 mil quilômetros do Saara e nós estamos aqui com temperaturas e umidades relativas próximo desse efeito. Então super agradeço, agradeço a comissão, ao Albanese, a Fanny Moore pelos contatos e agradecemos particularmente a sua presença e sim, vamos movimentar e criar outras oportunidades para que a gente possa divulgar, inclusive, junto aos CADES por conta de uma palavra única, que é o pertencimento. Como melhorar a minha região e como melhorar o outro lado da minha calçada. Então, esse é o nosso maior desejo. Feliz, parabéns, Mário. É assim que a comissão tem que ser. Nós temos mais três meses, tem duas novidades interessantes que a gente vai passar e eu queria fechar com a última, Fanny. Por conta de você, que foi a nossa idealizadora, ontem eu recebi da Secretaria de Saúde, através da doutora Magali, que nós apresentamos o projeto referente às estações. E olha que interessante, eu anotei aqui o Instituto de Astronomia e Geofísica. Olha só, o Instituto de Astronomia e Geofísica e Ciência Atmosférica da USP vai doar 20 sensores para observar questões de poluição ambiental. Então isso também, Albanese, Ricardo, isso também foi um grande ganho para nós. Estamos extremamente felizes que a Magali faz isso para a gente. Então, parabéns. E vamos em frente aí. Obrigado, então, Cardim, pela apresentação e seguimos na nossa luta lá pela comissão.
Liliane Neiva Arruda Lima – Coordenadora: José Ramos, obrigada. O Cardim está aqui do lado, (som ininteligível). Celina, por favor, gostaria que fosse um pouco breve, devido o tempo dele aqui com a gente. Porque ele demorou quase uma hora e meia para chegar aqui e vai demorar mais tempo para voltar com a reunião dele ainda.

Celina Cambraia Fernandes Sardão - Macro Reg. Centro-Oeste 1: Ah, tudo bem, Cardim? Então, eu fui em palestra sua, fui em plantios, aquele do motel, gostei muito. Você até me influenciou, porque a partir daí eu comecei... o meu primeiro plantio eu fiz com o Niki, que eu contratei. Nós plantamos bastante palmeira-juçara e eu fiquei regando e infelizmente eu fui arregando e cada vez ia sumindo mais, sumindo várias. O pessoal... deve ter algum jardineiro que rouba, porque não é possível. Todos os plantios que eu fazia com palmeira-juçara sumiam. E pitanga-preta, né? Parece que é o preferido. E eu sei que é um jardineiro porque ele tampa, né? E tenta acobertar. Tanto é que ele botou até uma pedra, um prato de macumba, ele colocou virado pra baixo, que é para a gente não perceber que ele tinha roubado. Então, eu não sei se você teve esse problema, às vezes, nos plantios, com esse pessoal que rouba. E quanto... depois se você puder responder tudo, porque a coisa foi que eu tenho pouco tempo. E do parque, eu fui já duas vezes, né? É assim, realmente, o parque, né? Muito legal. Você realmente se superou. Eu gostaria de saber se teria possibilidade, porque a parte de árvores eu já estou conhecendo bem, das mudas que são de plantas, lá se poderia pôr uma identificação, um nome? Porque tem umas que eu não consegui identificar. E seria interessante que o Felipe de Oliveira, que ele é do herbário aqui da Secretaria, teve uma apresentação que eles estão elaborando mudas de plantas herbáceas nativas. Então, eles estão bem no começo ainda. Eu fui ano passado. Eu não sei se poderia ter uma parceria para tentar fazer mudas que fossem realmente apropriadas para colocar em praças e canteiros que não tivessem manutenção. Que ideal são essas, nativas. Eu só conheço algumas. Como eu tenho uma praça lá, eu noto que algumas realmente... Se você colocar lá, elas vão... O gengibre azul, e outras poucas que eu conheço. E eu gostaria também de ver, assim, dessa possibilidade que nós vamos fazer parceria com a Secretaria no plano de arborização,

que eu justamente compro da fábrica de árvores, eu posso doar. Eu estou aqui representando a Zona Oeste, né? Pinheiros, Lapa e Butantã. Mas, ao longo desse 2021, eu doei para várias regiões de São Paulo. Inclusive, lá para o Jardim Ângela, Parelheiros, Hermelino, Zona Leste, Zona Norte, eu não tenho a restrição. Desde que o pessoal queira fazer os plantios, seguindo sempre o manual, que é importante. Então, eu só teria essa dúvida também, se você, quando foi fazer plantios, também se jogavam entulho no começo. Aqui é as nossas Praças, eu fiz, mas não consigo colocar essa densidade tão grande, parece que tem um pouco de resistência. As praças a gente tem que deixar um pouquinho mais aberto, afastado as mudas, principalmente que eu ponho de frutíferas. Então, eu gostaria que você respondesse só isso. E parabéns, porque você realmente está inspirando bastante pessoas.

Ricardo Cardim – Botânico: Eu que agradeço, agradeço a gentileza. Celina, então, roubo de planta a gente quase não teve, né? Existe alguma situação e realmente é comum isso, palmeira, né? Planta que parece mais ornamental, a pessoa quer pegar para fazer... Ela quer pegar para colocar em casa, para fazer vasinho e tudo, isso acontece. Mas a gente não tem muito esse problema, para falar a verdade. Também acho que não coloca nada que seja muito ornamental, porque as pessoas roubam mesmo. (Som ininteligível). Sobre a questão do plantio adensado, uma coisa importante é que a floresta de bolso é uma ferramenta, não é para ser uma regra. É para quando a gente quer compor, por exemplo, um parque, uma praça e ter dentro dela uma restauração ecológica, a gente ainda usa a mão dessa técnica. Você não vai usar de tudo, porque não dá. Porque o bom parque é o que equilibra sol e sombra. Você tem um parque à luz, tem bastante gramado e bastante floresta. Aquilo é bom para as pessoas. Atrai, a areia onde se esquenta e o mar onde você tem refresca. Mas, qual era a última pergunta? Desculpa.

Celina Cambraia Fernandes Sardão - Macro Reg. Centro-Oeste 1: Então, se você poderia pôr plaquinhas, porque lá tinha algumas. Pelo menos só para a gente saber qual que é, porque teve umas que eu fiquei em dúvida.

Ricardo Cardim – Botânico: A questão é que assim, tanto esse trabalho que a gente faz com a voluntária da floresta de bolso não é o nosso ganha pão. É o que a gente consegue fazer dentro do tempo possível. Então, às vezes, coisas não dão para fazer. A gente vai ter que dar uma manutenção, colocar as plaquinhas, tudo, mas seria bacana, sem dúvida. Aí, como eu disse, se existe uma parceria maior entre nós e o poder público, a gente somar forças e trazer mais coisas legais para as pessoas ainda.

Celina Cambraia Fernandes Sardão - Macro Reg. Centro-Oeste 1: Não, não, eu não falei isso, Ricardo. Ricardo? Eu falei lá no parque.

Ricardo Cardim – Botânico: (Som ininteligível). É muito complicado. O prédio não é mais da incorporadora. O prédio agora já tem a empresa de manutenção deles. Eu não tenho mais nenhuma participação ali, depois que eu entrego a obra.
Celina Cambraia Fernandes Sardão - Macro Reg. Centro-Oeste 1: Então, essas plaquinhas, então, na parte, depois, como você já entregou a obra, não daria para colocar? Não nas árvores. Algumas herbáceas que tem, arbustivas, eu não consegui identificar. Não tem como colocar porque você já entregou a obra, é isso?

Ricardo Cardim – Botânico: Eu tenho que falar com todo... com a empresa de gerenciamento de condomínios do prédio, para eles fazerem isso. Não é mais comigo. (Som ininteligível).

Liliane Neiva Arruda Lima – Coordenadora: Agora é a Delaine, por favor.

Delaine Guimarães Romano Macro Reg. Leste 1: Oi Cardim, obrigada pela apresentação excelente. O que me chamou muito atenção foi a questão dos prédios, eu não tinha a menor ideia que pudesse ser feito uma floresta de bolso em andares, em prédios, não sei se residenciais ou comerciais. E aí a minha dúvida é, existe alguma restrição ou limitação por causa do peso dessas árvores? Porque enquanto elas são pequenininhas, tudo bem, né? Mas e quando elas começam a ter uma altura bem maior, um volume maior de plantas? Tem alguma limitação para isso? Uma restrição, não sei.

Ricardo Cardim – Botânico: Sim, esses plantios são profundamente técnicos, com equipes multidisciplinares, (som ininteligível) porque a gente tem que sempre pensar como vai ser esse local daqui a 40 anos. A vida útil de um prédio são 50 anos. Então, como é que isso vai se comportar ao longo da história desse prédio? E aí, não dá para você colocar uma árvore que vai ficar enorme ali, né? As árvores nem ficam enormes em altura. E tem que considerar que se a gente estimar tudo isso, vai ficar cada vez mais forte. Então, você não vai colocar uma paineira na fachada de um prédio, porque pode gerar um acidente muito grave, (som ininteligível). Então, sim, é tudo muito considerável e técnico, dentro do nosso

escritório, para que isso funcione assim que vai ter na Itália, em Milão e outros empreendimentos lá de cima (som ininteligível).

Liliane Neiva Arruda Lima – Coordenadora: Obrigada Cardim, pela sua apresentação de hoje. Você foi excelente. Obrigada também, Pedro. Obrigada pela disposição da gente aqui no CADES principal. E se quiser continuar com a audiência. Sei que está atrasado, mas vamos só tirar uma foto. Agora, com só um informe, Lígia. A Lígia vai ter que correr aqui já, na parte presencial. A Fanny perguntou sobre a parte do edital da assembleia, da nova composição do CADES Municipal. O edital foi publicado, o edital número 8, SVMA/CADES/2025, o edital número 14, 14-5-23, publicado dia 5 de maio. O edital já está publicado, está aqui com a gente. Eu peço, por gentileza, que todos os conselheiros que estão aqui em presente, mas o Sérgio hoje pode passar via e-mail para vocês, para vocês já começarem a pegar a assinatura e se tem interesse ou não de dar continuidade conosco, no biênio de 2025 a 2027. Na parte da Secretaria do Verde, a Lígia com a Rosélia, o João Rodrigo Martins, né? A Gabriela, e mais outros. A gente também já está enviando o ofício para o secretário, que é o Rodrigo Ashiuchi, foi enviado para ele, para ele também já estar dando o aval de vocês, de continuar aqui, ou se quiser, (som ininteligível). Ele é o dono da pasta. Então, aí, vai ficar a critério dele, no gabinete, para ver como é que vai formalizar isso aí. Bom, agora, quanto às partes das macrorregiões nas secretarias, então, nossos parceiros aqui do CADES também já estão sendo enviados o ofício para todos os secretários competentes para estar indicando também os nomes de vocês aí. Bom, da parte da OAB também, foi enviado o ofício. E, como sempre, a gente caminha o ofício e a gente já recebe a resposta deles. É isso, Fanny. Então, fiquem atentos. Nós pedimos que vocês abram o edital. Qualquer dúvida que vocês tiverem o Sérgio está cuidando de toda a parte do edital. Então, ele vai auxiliar a todos os conselheiros para a nova composição do biênio de 2025 a 2027. Oi Fanny.

Fanny Elisabete Moore – Macro Reg. Sul 2: A minha pergunta é bem rápida. Para a questão da representação das macrorregiões, seria importante que a gente tivesse as diferentes associações das áreas participando. Então, eu acho assim, a gente terá... Teremos tempo de solicitar que elas participem? Qual é o prazo, Liliane?

Liliane Neiva Arruda Lima – Coordenadora: Tem sim, Fanny. Aqui vai ter o prazo de 10 dias. Até dia 19, que é o prazo. No artigo primeiro está marcado. De 5 de maio a 19 de maio. Está tudo aqui no edital, publicado no diário oficial. Tem já as datas das macrorregiões e horário, que vai ser também. Está tudo bonitinho, está tudo certinho, está tudo organizado. (Som ininteligível).

Fanny Elisabete Moore – Macro Reg. Sul 2: Eu posso deixar aqui um pedido aos conselheiros do Cades. A gente teve algumas macrorregiões não colocadas ainda para que a gente conseguisse cobrir o território da cidade. Seria interessante. Então, talvez, se vocês pudessem, além do edital, colocar a macrorregião e as subprefeituras que ela representa. Porque, assim, a gente consegue ter uma cobertura maior dessa área na representação do CADES. Pode ser? Obrigada.

Liliane Neiva Arruda Lima – Coordenadora: Pode sim, Fanny. A gente coloca aqui na... No dia da Assembleia, (som ininteligível). Então, no dia... a gente já pode colocar isso aí, para não ter alteração do edital. Mas no dia ele já fala qual que é a macrorregião, qual que é a subprefeitura. O Carlos está em reunião ainda. Eu agradeço então a presença aqui com vocês, todas as conselheiras e conselheiros aqui com a gente também. Damos como encerrada a nossa reunião de hoje. E a próxima reunião é no dia 11 de junho. Agradeço a Neusa que está passando aqui para nós e dando informações, (som ininteligível) também na parte de filmagem, o Alan na parte da técnica e na parte da TI. Eu quero agradecer imensamente os líderes que ficaram na casa, a gente tem que também agradecer. Então, a próxima reunião é dia 11 de junho. Obrigada.

São Paulo, 07 de maio de 2025.

RODRIGO KENJI DE SOUZA ASHIUCHI
Secretário Municipal do Verde e do Meio Ambiente

Rodrigo Kenji de Souza Ashiuchi
Secretário Municipal do Verde e do Meio Ambiente
Em 21/05/2025, às 18:46.

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://processos.prefeitura.sp.gov.br, informando o código verificador **125827512** e o código CRC **3C7D7C3C**.